

ANA CÉLIA GARCIA DE SALES



**BAIRRO, IDENTIDADE E MEMÓRIA - A PESQUISA
PRELIMINAR PARA A ELABORAÇÃO DE UMA
EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL
VILA COSTA E SILVA CAMPINAS – SP**

**Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como exigência parcial
para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação
da UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE CAMPINAS, sob a orientação da Prof.a. Dra.
OLGA RODRIGUES DE MORAES von SIMSON**

CAMPINAS, JANEIRO DE 2001.

UNICAMP - FF - BIBLIOTECA

2004.1.5021

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Sa32i	Sales, Ana Célia Garcia. O impacto Bairro, identidade e memória : a pesquisa preliminar para a elaboração de uma experiência de educação não - formal Vila Costa e Silva Campinas-SP/ Ana Célia Garcia Sales. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004. Orientador: Olga Rodrigues de Moraes Von Simson. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. História oral. 2. Educação não - formal. 3. Bairros – Campinas (SP) – História. 4. Identidade. 5. Memória – História. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes Von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título. 04-114-BFE
-------	--

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa no âmbito da educação não-formal, que foi realizada na Vila Costa e Silva em Campinas, São Paulo.

A metodologia utilizada foi baseada em três suportes diversos:

- **Documentação histórica** – através da qual pesquisou-se a história do bairro, sua fundação e o surgimento de instituições étnico-culturais organizadas no bairro.
- **Depoimentos orais (Metodologia da História Oral)** – levantou-se a história do bairro e de suas instituições étnico-culturais através do depoimento oral dos moradores mais antigos e dos moradores que atuaram e atuam nessas instituições étnico-culturais.
- **Fotografias de ontem e de hoje** – utilizou-se imagens de significado relevante para ilustrar a reconstrução dos fenômenos pesquisados no bairro. Este trabalho na Vila Cota e Silva será aplicado posteriormente numa entidade do bairro, a Paróquia de São Benedito, onde através de um trabalho de educação não-formal, serão oferecidas aos jovens do bairro, principalmente aqueles que não freqüentam a escola e, não participam da Paróquia de São Benedito, várias oficinas tais como. Informática, Jornalismo, Hip Hop, (Rap, Break e Grafite) e a oficina de Identidade e Memória que este trabalho em questão embasará.

Através de práticas de educação não-formal, os jovens receberão uma gama muito diversa de atividades que lhes proporcionarão uma melhor qualidade de vida e maior consciência social, além de um apoio na discussão dos problemas específicos dessa faixa etária, principalmente a questão da profissionalização.

O intuito deste trabalho é o de preparação para um estudo do meio, o bairro onde vivem e o estreitamento de vínculos entre educadores, educandos e a comunidade, e também o conhecimento e atuação concreta na realidade do bairro.

Tendo como objetivo a reconstrução sócio-histórica-antropológica da trajetória de constituição deste bairro popular criado nos anos 70 e seu desenvolvimento até a contemporaneidade, pretende-se aprofundar a pesquisa sobre a questão negra na cidade, através da reconstituição da memória histórica deste bairro com a participação efetiva da comunidade local e buscando a inserção de jovens excluídos do sistema formal de educação em atividades ao mesmo tempo conscientizadoras e profissionalizantes.

INDICE

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

CAPÍTULO I – BAIRRO - VILA COSTA E SILVA: 30 ANOS DE HISTÓRIA

1.1 – O PLANO NACIONAL DE HABITAÇÃO E A COHAB

1.2 - DA CONSTRUÇÃO Á SUA INAUGURAÇÃO

1.3 - AS DIFICULDADES DE ONTEM E DE HOJE

1.4 – ASPECTOS DA VILA COSTA E SILVA HOJE

CAPÍTULO II – IDENTIDADE: COMO FOI SE DESENVOLVENDO A

QUESTÃO DA IDENTIDADE NO BAIRRO

2.1 – CARNAVAL: A ESTRELA D'ALVA

2.2 – O MOVIMENTO NEGRO

2.3 – O MOVIMENTO HIP HOP

2.4 – A PARÓQUIA DE SÃO BENEDITO

2.5 – O CONSELHO DE MORADORES

CAPÍTULO III – MEMÓRIA: A HISTÓRIA E O COTIDIANO DO BAIRRO

CONTADA ATRAVÉS DO DEPOIMENTO DE MORADORES ANTIGOS

3.1 – LAZER

3.2 – ESCOLA

3.3 – TRABALHO

3.4 – RELIGIÃO

3.5 – TRANSPORTES

3.6 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O COTIDIANO E HISTÓRIA DO BAIRRO.

ANEXOS

BIBLIOGRAFIA GERAL

BIBLIOGRAFIA SOBRE HISTÓRIA ORAL

BIBLIOGRAFIA SOBRE CAMPINAS

BIBLIOGRAFIA SOBRE A QUESTÃO DA NEGRITUDE

BIBLIOGRAFIA SOBRE A QUESTÃO DOS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO

INTRODUÇÃO

Reconstruir a história recente da Vila Costa e Silva é reelaborar também uma parte significativa da história de Campinas, pois a história da formação deste bairro está intimamente ligada à uma fase de desenvolvimento muito importante da cidade.

As origens de Campinas estão relacionadas à função que desempenhava como passagem para o Caminho de Goiás, ou seja, passagem para os viajantes que buscavam o caminho das minas. Apesar das trilhas existentes desde o século anterior (sec. XVII), somente após a descoberta do ouro de Goiás ganhou foros de “Estrada” ou “Caminho”. Buscando o percurso mais seguro e de fácil penetração, o Caminho de Goiás saía de São Paulo, em direção a Jundiaí, dirigindo-se em seguida para Mojimirim, Mojiguaçu e Casa Branca. Depois desse percurso feito no sentido sul-norte, o caminho tomava direção Noroeste, atingindo os atuais municípios de Cajuru, Batatais, Franca e Ituverava. O rio Grande podia ser atravessado entre Igarapava e Miguelópolis “à jusante da ilha Roberto ou do Pepino, após as corredeiras da Escaramuça (margem direita) e da Espinha (margem esquerda)”.

Buscando, provavelmente, cruzar os rios em locais mais próximos às suas nascentes, o traçado do Caminho de Goiás seguia próximo às primeiras elevações da banda ocidental da Serra da Mantiqueira, evitando regiões mais alagadiças, de difícil travessia e sujeitas às febres palustres. Após a ponte sobre o rio Tietê, seguiam os rios Atibaia, Jaguari, Jaguarimirim, Pardo e Grande, que eram transpostos por meio de barcas. Para as travessias em fixadas taxas, cuja cobrança ficava a cargo de particulares que arrematavam o direito de cobrança ou recebiam a concessão como prêmio por algum serviço prestado à Coroa.

No tocante a geomorfologia, a Estrada dos Goiáses cortava o planalto Atlântico cristalino, a depressão sedimentar Paleozóica ou Periférica desde as proximidades do que é hoje a cidade de Campinas, até o sopé da serra da Borda da Mata, após a travessia do rio Pardo, onde se inicia a terceira unidade, ou seja, as *cuestas* balsáticas. No reverso destas *cuestas*, o relevo apresenta-se colinoso, inclinando-se suavemente na direção Oés-noroeste (WNW), o que facilitou o estabelecimento da Estrada dos Goiáses”.¹

¹ VIEIRA, Neuza M. A estrada dos Goiáses nos mapas da capitania de São Paulo – século XVIII. *Revista pontalense*, vol.1, ano I, pp. 8-29, março de 1989.

A princípio era um pequeno povoado e chamava-se Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso (data de 1774), este povoado foi se desenvolvendo e já em 1797 foi elevado à condição de vila com o nome Vila de São Carlos, com a instalação de um competente poder municipal. Em 1842, a vila eleva-se à categoria de cidade passando a se chamar Campinas².

Durante o período de sua formação, que vai do bairro rural de Campinas do Mato Grosso até a sua promoção à Vila de São Carlos, a estrada ou Caminho dos Goiazes foi a única linha de comunicação com a Capital da Capitania e o Sertão, passando a representar o primeiro marco de povoamento nascido com a decadência do ciclo da mineração dentro do território paulista. E com a decadência da mineração, a agricultura começava a ocupar seu lugar no espaço de São Paulo através da implantação da cultura da cana-de-açúcar. E em Campinas não foi diferente, nos anos que compreenderam o período entre freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas de Mato Grosso e a Vila de São Carlos (1774-1842), a principal atividade econômica foi o cultivo da cana-de-açúcar. A partir do final do século XVIII até a primeira metade do século seguinte, Campinas, embora não estivesse estruturada como município, destacou-se como o maior centro produtor de açúcar da Província de São Paulo, estabelecendo uma lavoura já ligada à produção e comercialização.

O ciclo do açúcar sustentado pelo trabalho escravo trouxe um contingente considerável de população negra para Campinas³. É válido ressaltar que desde a sua fundação ao auge do ciclo do açúcar, houve um aumento muito significativo da população em Campinas.

Em relação ao aumento da população escrava para Campinas nota-se que em 1767, os 185 habitantes eram quase todos brancos (PUPO, 1969, p. 28). Em 1775, enquanto Freguesia da Nossa Senhora da Conceição das Campinas de Mato Grosso de Jundiá, dos 247 habitantes, 47 eram escravos. Em 1822, Campinas contava com 7.369 habitantes, sendo que 47% deste total era composto pela população escrava e a população não-branca na Vila representava 67,6% do total populacional, somando-se negros e pardos. (BERGO, 1952).

A população escrava continuou a crescer e em 1836, mais da metade da população era composta por escravos e entre 1854-1874 o aumento da população

² Em 1842 com a Lei n. 5 atribuiu-lhe à categoria de município de Campinas(INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO)

³ Vejam-se, as importantes contribuições de LAPA, 1966; SLENES, 1989; EISENBERG, 1986; entre outros, sobre o tema da escravidão em Campinas.

escrava deveu-se também à migração de escravos provenientes de regiões onde as lavouras canavieiras estavam em decadência, como as do Nordeste.

No período de 1874-1886, o ritmo de crescimento da população negra campineira diminuiu expressivamente em função da proibição do tráfico negreiro e da emigração da população escrava do município. A importância da população escrava que foi fundamental para o crescimento econômico e populacional do município e da província até meados do século XIX, foi perdendo peso à medida que se intensificou o movimento emancipador.

Em relação à população branca, a princípio esta se originou de poucas vilas da Capitania e de algumas “áreas de terras cansadas de Minas Gerais, de onde teriam se provindo mais de 150 novos residentes”. (MELLO, 1991, p.17). Dos 7.369 habitantes em 1822, 2.389 deles eram brancos originários do Vale do Paraíba (BERGÓ, 1952).

As melhorias que o período açucareiro trouxe para Campinas notam-se, pois desde 1870, há sinais de urbanização e crescimento industrial na cidade⁴, com inúmeros serviços urbanos como: ferrovia, correio, telégrafo, teatro, clubes, escolas iluminação a gás e elétrica.

Pode-se destacar aqui umas das principais ferrovias que faziam parte do complexo ferroviário paulista que se estabeleceu nesta época: São Paulo Railway (Santos-Jundiaí), inaugurada em 1867; Companhia Paulista de Estradas de Ferro (Jundiaí-Campinas-1872, chegando em Rio Claro em 1876); Companhia Mogiana (Campinas-Mogi-Mirim) inaugurada em 1875; Companhia Ituana (Itu-São Paulo) em 1873; Companhia Sorocabana (Sorocaba-São Paulo), em 1871; Companhia Bragantina, em 1884; Estrada de Ferro do Bananal, em 1880; Ramal Férreo do Rio Pardo, em 1888; Companhia Ramal Férreo de Santa Rita; a expansão da Companhia Paulista com a aquisição, em 1892, do trecho Rio Claro-Araraquara.

Neste trabalho é importante destacar a atuação da Companhia Sorocabana, antigamente denominada Companhia Carril Agrícola Funilense.

Na última década do século XIX, uma extensa área que compreendia as fazendas três Barras, São Bento e Boa Vista, a chamada fazenda Funil, de propriedade do tenente-coronel João Manoel de Almeida Barboza, abrigava colonos alemães e suíços que lutavam por desenvolver a lavoura daquela região. Porém as dificuldades de acesso e de transporte mantinham-na isolada dos centros de produção e de consumo.

⁴ Veja sobre o traçado físico da cidade, PUPO, 1969; BRITO, 1969 e MELLO, 1991.

A região do Funil era de propriedade da Companhia Sulbrasileira que tinha como gerente diretor o Barão Geraldo de Rezende. Por iniciativa de Francisco de Paula Camargo e José de Sales Leme e João Manoel de Almeida Barboza foi, então fundada a Companhia Carril Agrícola Funilense, em 24 de agosto de 1890, com o objetivo de construir uma estrada de ferro que ligasse aquelas terras à cidade de Campinas, impulsionando seu desenvolvimento. Esse empreendimento, entretanto, não teve sucesso imediato e foi se arrastando até a presidência da Província de São Paulo ser assumida pelo campineiro Campos Salles. Era de interesse de seu governo que no interior de São Paulo se instalasse burgos agrícolas e, para tanto, implementou alguns subsídios, além de outras vantagens àqueles que estivessem interessados em realizar seu projeto. Campos Salles escolheu a região do Funil para a implantação do primeiro núcleo colonial, que passou a denominar-se Núcleo Colonial Campos Salles, comprando para isto uma área próxima à fazenda Funil, que então tinha sido adquirida pelo Sindicato Nacional, integrado por Paulo de Almeida Nogueira, Artur Nogueira, Sidrack Nogueira, José Paulino Nogueira e Antonio Carlos da Silva Telles, amigos pessoais do governador. Foi esta a semente da Usina Esther.

Com a fundação do Núcleo Colonial Campos Salles, a Cia. Carril Agrícola Funilense recebeu uma subvenção de 250.000\$000 (duzentos e cinquenta mil réis) e a Estrada de Ferro Funilense foi, por fim, inaugurada em 18 de setembro de 1899, com a presença de autoridades campineiras, além do secretário de Agricultura do estado, Alfredo Guedes e do cônsul da Alemanha. Essa ferrovia percorria 43 km, indo da fazenda do Funil até o centro de Campinas, com estações-chaves no Guanabara, Santa Genebra, Deserto, José Paulino, Engenho, João Aranha e Funil.

A Estrada de Ferro Funilense foi encampada pelo Estado em 1908, e posteriormente, incorporada pela Sorocabana, mas sua curta existência impulsionou o desenvolvimento do Funil e a expansão da Cidade de Campinas para as áreas beneficiadas pelo transporte e escoamento da produção de café e açúcar daquelas regiões. Em torno das estações-chaves foram surgindo bairros que hoje se transformaram no distrito de Barão Geraldo e nas cidades de Paulínia e Cosmópolis.

A explicação da importância desta Ferrovia a Funilense se faz necessária neste presente estudo, pois em sua constituição, teve como presença importante o Barão Geraldo de Rezende, dono das terras onde hoje se localiza a Vila Costa e Silva, região esta que compreender as proximidades por onde passava o trajeto da Companhia Funilense. “Contudo vale lembrar que havia muitos cafezais pelo caminho que levava

até o Funil, como na Fazenda Santa Genebra, de propriedade do Barão Geraldo de Rezende, onde se cultivava mais de 500.000 pés de café, tornando-se um modelo de produção agrícola no estado. Eram também de sua propriedade as fazendas Monjolinho e Santa Elisa, onde hoje se encontra o Campo Experimental do Instituto Agrônomo de Campinas.” (MARCONDES, M., 2000.pp.82).

Entre as inúmeras fazendas que compunham a riqueza do Oeste Paulista, a fazenda Santa Genebra, deu origem a área que compreende a Vila Costa e Silva e o atual distrito de Barão Geraldo. Originalmente denominada Nossa Senhora do Carmo do Morro Alto, esta área foi a última sesmaria da região de Campinas doada em 1799 pelo Conselho Ultramarino, para a família do brigadeiro Luís Antônio de Sousa Queiroz, e que, por sua morte, coube às filhas Genebra Miquelina e Isabel Augusta.

Genebra Miquelina, casada com o primo Luiz de Souza Rezende, filho dos marqueses de Valença, faleceu muito jovem e seu sogro adquiriu do filho a propriedade dando-lhe o nome de fazenda Santa Genebra, em homenagem a nora falecida. Em 1889 à fazenda Santa Genebra pertencia uma área de 1.250 alqueires de terra englobando, além de sua área atual, os bairros Santa Genebra, Costa e Silva e parte da Vila Nova, seguindo até a divisa da estrada de Moji-Mirim e, do lado oposto avançava em direção a Paulínia onde hoje se encontram os Amaraís e o Ceasa. Geraldo Ribeiro de Souza Rezende, filho do marquês de Valença, recebeu a fazenda como herança e a ela dedicou-se integralmente, expandindo-a e implantando inúmeras benfeitorias, tais como o sobrado sede. A fazenda Santa Genebra destacou-se não apenas por ser então, uma das maiores da região, mas também por seu pioneirismo marcado por constantes inovações no campo da agricultura. Considerada modelo por adotar os mais modernos processos agrícolas que existiam no século XIX, essa fazenda era ponto obrigatório de visitas de personalidades brasileiras e estrangeiras que vinham ver de perto a modernidade dos processos empregados pelo barão.

Os investimentos realizados na fazenda Santa Genebra, pelo barão, ultrapassavam os limites da tecnologia empregada na agricultura brasileira da época. Esta fazenda, por isso mesmo considerada modelo internacional, possuía maquinaria avançada e utilizava os mais modernos e arrojados métodos agrícolas empregados nos Estados Unidos. Um exemplo disso é que desde o início do século XX a Santa Genebra possuía plantadoras americanas de tração animal, enquanto que o resto do Brasil só foi conhecer essas máquinas no final da década de 40.

Não só a tecnologia tornava famosa essa fazenda, mas também a estética de vanguarda e o conforto da casa grande. O sobrado majestoso construído em fins do século XIX contém um corredor todo envidraçado ligado à sala de jantar, decorado com arranjos de plantas, como se fosse uma belíssima estufa. Entre a fazenda e cidade de Campinas, o barão construiu uma avenida de bambus, com lírios plantados no meio, ligando a sede ao bairro Guanabara. Por esta avenida passavam as carruagens conduzindo sua família e seus hóspedes ilustres.

Os filhos, noras e netos do barão Geraldo moravam na corte do Rio de Janeiro, ou em Paris. Ele aqui vivia apenas com sua mulher Maria Amélia. Os investimentos excepcionais para a época e os custos de sua família, que vivia na abundância e na ociosidade da vida aristocrática, levaram à falência Geraldo Ribeiro de Souza Rezende, que se viu obrigado a vender a Santa Genebra para Lins de Vasconcelos. Porém o barão Geraldo não saiu daquela terra à qual tinha dedicado sua vida produtiva e onde havia plantado todos os seus sonhos. Concluídas as transações de compra e venda, em 1º de Outubro de 1907 ele tomou veneno, vindo a falecer na própria fazenda.

Após a década de 30, a fazenda Santa Genebra tornou-se um dos campos-base de pesquisa do IAC, para as culturas de algodão, milho e, posteriormente, soja. Em 1934, o algodão foi plantado em larga escala, em substituição ao café, cujo plantio se restringiu a 600mil pés. Porém antes da primeira colheita em 1935, faleceu seu proprietário José Pedro de Oliveira. A viúva Jandira mudou-se definitivamente para a Santa Genebra e assumiu a administração da fazenda desde então, até a sua morte, na década de 90 do século XX.

Com exceção das áreas doadas pelo Barão Geraldo para o IAC e para os Padres Salesianos, para que estes construíssem na área onde se encontram o Liceu e o Colégio São José, um educandário para crianças pobres, os Osório de Oliveira mantiveram a integralidade de suas terras até os anos 70, quando foram feitos os loteamentos Santa Genebra I e Santa Genebra II, Vila Costa e Silva e Ceasa. Muito recentemente foram vendidas as terras da fazenda ao longo da via D. Pedro I para a construção do maior Shopping Center da América Latina.

O ciclo do açúcar marcou a fase de construção da cidade. A dinâmica expressa por esse ciclo econômico contribuiu para o surgimento de pequenos núcleos urbanos ligados ao setor agrícola e à comercialização de escravos, introduzindo a diversificação embora insipiente, das atividades econômicas do município e apontando para o surgimento de uma importante rede urbana no Estado.

Período cafeeiro: *Princesa D'Oeste*

Segundo os historiadores, não existiu um marco divisório entre o ciclo do açúcar e o período cafeeiro em Campinas. “enquanto o café surgia paulatinamente, o açúcar ainda prosperava”. (PUPO, 1969, p.141). A implantação da cultura do café no oeste paulista⁵, de acordo com Pestana, (1923), data de 1807-1809 e 1817, mas somente a partir de 1835 iniciou-se a substituição de plantações de cana pelo café. Inicialmente será o Vale do Paraíba o palco do cultivo cafeeiro e com a decadência desse ciclo no Vale do Paraíba, Campinas passa a se destacar nesse novo cenário econômico.

A cultura cafeeira prosperava no município demandando crescente mão-de-obra para o seu cultivo. A mão-de-obra utilizada no primeiro momento da dinâmica econômica cafeeira, foi a exploração escravista.

Com o encerramento do tráfico negro, o sistema escravista brasileiro entrou em crise e os fazendeiros paulistas tentaram buscar solução para o problema de mão-de-obra nas lavouras através da imigração estrangeira.

Campinas foi grande centro receptor da mão-de-obra estrangeira introduzida particularmente nas duas últimas décadas do século XIX. Segundo os registros da Hospedaria dos Imigrantes⁶, foram enviados para as lavouras de café do município de 1882 a 1900, 10.631 imigrantes estrangeiros. Nesse período a produção cafeeira em Campinas era a maior do Estado, respondendo por 50% da produção total do oeste paulista.

O enriquecimento de Campinas se acelerou com a introdução da cultura cafeeira, a qual propiciou um intenso desenvolvimento urbano e rural. Na década de 20 do século passado, entretanto, é que se observa um crescimento mais acelerado da cidade, em diversos setores. As atividades econômicas em geral (comércio, serviços, etc.) apresentam um desenvolvimento considerável.

⁵ A definição de “oeste paulista”, no período cafeeiro, refere-se ao território que à partir da capital, tendo como limites os municípios de Bragança Paulista, Sorocaba, Campinas e Piracicaba, se desenvolveu acompanhando o Caminho dos Gioás até o Norte do Estado, limite com Minas Gerais.*****

⁶ A Hospedaria dos Imigrantes do Estado de São Paulo foi criada em 1822, na cidade de São Paulo, tendo como objetivo receber os imigrantes europeus que desembarcavam no porto de Santos e enviá-los para as lavouras de café do interior paulista. Os registros da Hospedaria constituem a única fonte de dados a respeito do movimento migratório europeu, no século XIX, em âmbito municipal; informações agregadas para o conjunto do Estado encontram-se nos *Boletins da Secretaria da Agricultura Comércio e Indústria do Estado de São Paulo*, sistematizadas em CAMARGO, 1981.

De fato, a prosperidade econômica e o grande aumento populacional no município de Campinas permitiram-lhe disputar, no final dos anos 80 do século XIX, a primazia com a capital (CAMARGO, 1981), o que lhe conferiu o título de *Princesa D' Oeste*.

O decênio que se seguiu à Proclamação da República no Brasil, foi para Campinas um período difícil, a cidade sofreu as epidemias de febre amarela e varíola em 1889 e 1890 que abateram o município e dificultaram a sua prosperidade.

Essas epidemias tiveram efeitos diretos na lavoura cafeeira: “as tristes conseqüências da febre amarela afugentaram a onda imigratória européia para o município neste ano”. (BRITO, 1969, p.74).

Apesar da emigração, Campinas não perdeu seu dinamismo: no final de 1889 a população já começava a retornar ao município (BRITO, 1969), e o volume de imigrantes europeus voltou a subir em 1891.

A virada do século em Campinas foi acompanhada de um acentuado dinamismo tanto em termos econômicos como populacionais.

Em 1920, serão 115 mil habitantes, a população negra e mulata, que cinquenta anos antes representava, somados, escravos livres e homens de cor, 70% da população total do município, agora não atingira 20%: Uma mortalidade muito alta, a vinda de imigrantes europeus engrossando a população branca e a própria migração, (voluntária ou forçada) para outros municípios explicam o fenômeno. (Baeninger, 1996).

Nas décadas seguintes, são ainda relevantes as atenções dadas ao cultivo do algodão, a formação de bairros residenciais, muitas vezes operários como: Vila Industrial, Guanabara e Proença, instalados em áreas de velhos ou improdutivos cafezais, o ingresso, como elemento constante na paisagem local, dos automóveis e, finalmente, a chegada das estradas de rodagem. Há também um aumento na produção de açúcar, feijão, arroz, milho e algodão, mas continuava significativa a produção de café, além da industrialização da carne e fruticultura. Nesse período aumentou a número de pequenas e médias propriedades e de proprietários rurais estrangeiros.

Nessa etapa a industrialização começava a se desenvolver no Estado de São Paulo, intensificando o processo de urbanização em Campinas.

Em função da crise mundial e da conseqüente crise nacional do café em 1929, iniciou-se o período de “substituição das importações” no País, ou de “industrialização

estringida”, promovendo a significativa expansão industrial verificada no período, particularmente em São Paulo.

Com a erradicação dos cafezais, o algodão era o principal produto cultivado no município e o ramo têxtil passou a ter maior peso na estrutura industrial deste. A produção de alimentos também foi ampliada para responder às demandas da crescente população urbana.

Paralelo a este desenvolvimento surgiu a necessidade de urbanizar a cidade e em 1934, é contratado o engenheiro arquiteto Francisco Prestes Maia para conceber o *Plano de Urbanismo*, enquanto é criada na Prefeitura de Campinas a Seção de Arquitetura e Urbanismo e instituída a Comissão de Urbanismo, que forneceria à implementação do *Plano*, respectivamente, subsídios técnicos e apoios políticos. O plano de urbanismo que se propunha implantar abrangeria um período de tempo situado entre 25 e 50 anos e previa que a cidade de Campinas, nesse período, teria sua população quadruplicada, isto é, atingiria cerca de 280 mil habitantes.

Uma das propostas do plano de urbanização de Campinas era o de solucionar problemas de higiene e saneamento, pois era uma necessidade devido ao grande aumento populacional. Associando-se a esses dois fatores, outros de significação cultural, e a esperança de transformar Campinas em uma grande cidade.

As estreitas ruas centrais com suas edificações do século passado representavam então uma antítese ao progresso. Tornou-se então imperativa uma reforma radical que criasse amplas avenidas, possibilitasse a construção de modernos prédios à semelhança da capital e que obedecesse também os preceitos do urbanismo moderno quanto às áreas de expansão urbana.

Esse processo de alargamento de ruas culminou com a demolição da Igreja do rosário para o alargamento da rua Francisco Glicério.

Em relação à moradia, o Plano de Melhoramentos Urbanos em suas proposições preliminares não havia dado nenhum destaque a este fator. Tratava da questão habitacional em geral, a partir da idéia da criação de unidades residenciais completas, nas quais deveriam mesclar-se habitações de padrão sócio-econômico diferenciado.

À medida que o ritmo da urbanização crescia, o cortiço, sucessor urbano das senzalas e ancestral próximo das favelas, aparecia como solução alternativa mais viável, pois os preços dos terrenos municipais já eram muito altos.

As precárias condições oferecidas pelos cortiços foram analisadas através de levantamentos estatísticos feitos pela prefeitura que fez publicar tais trabalhos,

preliminarmente no Relatório Municipal de 1938, acompanhadas da conclusão de que os aluguéis pagos por estas insalubres habitações, seriam suficientes para financiar a construção de moradias higiênicas e completas para cada família.

Após a proibição dos cortiços pela prefeitura em 1940, o engenheiro arquiteto Eduardo Badaró em seu mandato como vereador (1948-1952), reveria o decreto lei de 1940, recolocando as condições das moradias de tipo mínimo e econômico e atribuindo a prefeitura à responsabilidade de fornecer, a pedido dos interessados, o projeto arquitetônico e de prestar assistência técnica “as obras, ambas as coisas gratuitamente, desde que a área da construção não ultrapassasse a 60m² no limite dentro do qual se poderia recorrer à assistência técnica da prefeitura”.

Algumas vilas foram construídas sob a orientação da prefeitura na escolha dos terrenos ou com seu concurso nos serviços técnicos de topografia, urbanização e arquitetura, como no caso da Vila Estanislau, e mesmo por ela financiadas, quando se tratou de construir casas para os operários municipais.

As realizações mais significativas do período, neste campo, merecem ser citadas por se constituírem as primeiras tentativas de construção em massa, de habitações populares:

- Fundação da Casa Popular- São Bernardo- 245 casas, 1940;
- Vila da Prefeitura – Bosque – 24 casas, 1942;
- Vila Estanislau – Cambuí – 40 casas, 1946
- Vila do IAPI – Vila Industrial – 304 casas, 1950;
- Vila do IAPC – Chácara da Barra – 50 casas, 1950;
- CAP da Mogiana – Vila Dutra (Bonfim) – 100 casas, 1950;
- CAP da Paulista – Vila Carmela Dutra (Ponte Preta) – 200 casas, 1950.

As iniciativas iniciais eram insuficientes para resolver a questão habitacional. Os cortiços, os porões e os velhos casarões da área central, em vias de demolição, continuariam como opção para aqueles que não dispunham a transferir-se para a periferia ou não tinha recursos para a construção da própria moradia.

Só após a década de 60 este problema habitacional será amenizado com a implantação do Plano nacional de Habitação do Governo Federal. (Ver capítulo 1).

Esse processo de urbanização e industrialização representou a formação de uma nova ordem social permeando todas as instâncias da sociedade. A mistura de raças,

nacionalidades, culturas e ideologias, dispersas no espaço urbano, começou a caracterizar certos espaços sociais.

A inauguração da Via Anhanguera, em 1948, propiciou o direcionamento de fluxos migratórios para o município no início dos anos 50, bem como a expansão da cidade, com um aumento de seu perímetro urbano. De 1945 a 1955, a área territorial de Campinas cresceu em mais de 200%.

Na primeira metade dos anos 50, houve um novo surto de investimentos em Campinas, com novas empresas mecânicas, de material de transportes, elétricos, químicos, de borracha e papelão. Em 1951, instalam-se no município a Singer do Brasil e a Duratex; em 1953, a Pirelli, a Híplex e a IBRAS\CBO; em 1954, a Robert Bosch, que se juntou à General Eletric e à Rhodia, já instaladas em Campinas, compondo o grande conjunto de grandes empresas multinacionais locais.

A instalação de novas empresas gerou a criação de novos espaços e setores na economia atraindo população migrante para a cidade. Nessa etapa, os movimentos migratórios aparecem como necessários para o grande impulso industrial no município.

No período de 1960-1970, o saldo migratório de Campinas foi quase de 100 mil pessoas. Em 1970, a população não-natural do município representava 52,6%, dos residentes não-naturais procedentes de outros estados, registrados no censo de 1970; 60,6% tinham como última residência o Estado de Minas Gerais, seguido pelo Paraná (11,74%) e com participação pequena dos estados do Nordeste (13,5%). Nota-se também, a participação dos não-naturais do município procedentes de outros países, representando 3% deste seguimento populacional. Isto se deveu à presença de importantes universidades como a UNICAMP e a PUCCAMP que contribuiu para a absorção deste contingente estrangeiro, além das já mencionadas multinacionais.

A implantação das indústrias dispersas no município propiciou a ação do capital industrial conjugado com o capital imobiliário sob a aprovação do poder público, iniciando-se um intenso processo de especulação imobiliária. Foram criados 28 loteamentos, entre 1945 e 1954, fora da malha urbana, requerendo investimentos públicos para a interligação das redes de abastecimento de água, captação de esgotos, iluminação, asfalto etc. (ZIMMERMANN, 1989). Assim dava-se início a um novo processo de crescimento urbano, com um padrão definido por espaços das áreas já urbanizadas e, posteriormente o surgimento de novos bairros e loteamentos (cada vez mais distantes) para as classes de baixa renda.

A COHAB local implantada em 1967, (ver Capítulo 01), contribuiu significativamente por dotar de novos contornos a ocupação urbana de Campinas. É nessa época que vão surgir as vilas populares “planejadas” pela COHAB, dentre elas a Vila Costa e Silva.

A reelaboração da história de Campinas desde sua formação às décadas de 60/70, do século XX, nos permite entender o movimento migratório rural-urbano, e também a localização da população de origem afro-brasileira nas vilas populares planejadas.

E ainda em relação a esta população como fora explicado anteriormente, Campinas via, após a década de 60, elevada pela migração esta parcela de habitantes de origem afro-brasileira que, somados aos descendentes de população escrava, formavam o expressivo contingente negro da população da cidade.

Todas as transformações pelas quais a cidade passou relatadas anteriormente, principalmente após a abolição da escravatura, embora alterado a vida local, criaram novas situações para o grande contingente de população de origem afro-brasileira que em sua maioria, iria, entretanto continuar à margem do processo produtivo, pois no novo ambiente urbano, os negros também levavam desvantagem na concorrência com a mão-de-obra livre.

Mas ao mesmo tempo com a modernização da cidade, proporcionada pela riqueza que o café produziu, haverá a abertura de novos postos de trabalho ocupados pôr considerável parcela de afro-brasileiros, não são postos elevados, mas representam espaços que, conquistados passam a constituir a mais importante brecha para possibilitar a emergência de uma “elite negra”, que se distinguia da grande massa da população à margem do processo produtivo.⁷

Num primeiro momento seriam os negros remanescentes do período escravista, entre os quais aqueles considerados de “elite” que ocupam bairros centrais e mais antigos, juntamente com a parcela que permaneceu à margem do processo produtivo, situado em cortiços centrais (alguns especialmente construídos para este fim), ou em velhas casas deterioradas que eram ocupadas ao mesmo tempo por inúmeras famílias.

Outro contingente negro vindo para a cidade com o desenvolvimento industrial de meados deste século, vai ocupar inicialmente, bairros periféricos, e posteriormente, as vilas populares planejadas, como a Vila Costa e Silva.

⁷ Sobre o assunto é oportuno ver MACIEL, Cléber S. Discriminações raciais – Negros em Campinas (1888-1921). Campinas, Editora da UNICAMP, 1987.

É na década de sessenta que ocorre a remoção da população encortiçada, localizada nos velhos casarões do centro da cidade, para as vilas populares planejadas distantes das regiões centrais, especialmente construídas para este fim, e promovidas por uma política habitacional do governo. Nota-se que não se observam na cidade a existência de “bairros negros” (guetos), mas bairros com grande concentração de população de origem afro-brasileira, juntamente com a população branca pobre.

O presente estudo formará o embasamento necessário a organização de oficinas de memória e identidade de bairro dentro de uma das propostas de trabalho no âmbito de educação não-formal que será aplicada através de várias oficinas oferecidas aos adolescentes do bairro nas instalações de uma entidade ali atuante: a Paróquia de São Benedito.

Entende-se aqui como educação não-formal ou não escolar, a educação gerada no processo de participação social, em que ações coletivas não estão voltadas para o aprendizado de conteúdos da educação formal. Segundo Gohn (1997) “a educação é abordada enquanto forma de ensino/ aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimento, que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações”⁸. Complementando a definição de educação não-formal, Janela (1992) diz “embora a educação não-formal obedeça também a uma estrutura e organização (distintas das escolares) e possa levar a uma certificação, esta diverge da educação formal (escolar) no que respeita a não fixação de tempos locais e flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem de cada grupo concreto”⁹.

Os espaços onde se desenvolvem, ou se exercitam as atividades da educação não formal são múltiplos, a saber : no bairro e suas associações, nas organizações que coordenam movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nas Organizações Não Governamentais, espaços culturais, etc. Em relação aos elementos e espaços na educação não-formal, usualmente estes não são fixados *a priori* , e se respeita as diferenças existentes para a absorção e reelaboração dos conteúdos explícitos ou implícitos, no processo ensino-aprendizagem. Através da educação não-formal, uma educação complementar, que pode informar, provocar emoções, fazer os educandos

⁸ GOHN, Maria G. “Educação não formal no Brasil nos anos 90” . Revista cidadania n. 10, novembro – 1997.

⁹ JANELA, Afonso. “Sociologia da educação não escolar: reatualizar um objetivo ou construir uma nova problemática? ” In ESTEVES, Antonio J. (org). A sociologia na Escola: Professores, educação e desenvolvimento. Biblioteca das ciências do Homem – Edições Afrontamento. Porto. 1992.

sonharem ou levá-los a criar algo de novo em qualquer campo das ciências, das artes, ou do domínio do corpo, ou da política, onde a identidade étnico-cultural a auto estima da criança e do adulto afro-brasileiro serão valorizados e também reconstruídos. E essa opção pela educação não formal, se deu devido ao grande número de excluídos do sistema formal de educação observados no bairro, fato explicado por farta literatura que mostra que a escola formal, além de não valorizar as raízes sócio-culturais e a visão de mundo que a família ou o grupo de convivência lhes forneceu ao longo de seu processo de socialização.

A aplicação deste presente trabalho junto aos adolescentes da Vila Costa e Silva e também a aplicação das demais oficinas: Informática, Jornalismo, Hip Hop (Rap, Break e Grafite), etc. estão previstas para iniciarem em Fevereiro de 2001. As propostas de trabalho destas oficinas foram elaboradas há mais ou menos dois anos. A impossibilidade de concretizá-las neste período de tempo, se deveu à em obter financiamento, pois seria impossível a realização das mesmas sem o necessário investimento em equipamentos e materiais que serão usados na prática destas oficinas. No final de 2000 foram obtidos apoios da Caixa Econômica Federal e da Robert Bosch que permitirá o desenvolvimento das mesmas.

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

A metodologia utilizada na realização deste trabalho foi baseada em três suportes diversos: documentação histórica, depoimentos orais e fotografias de ontem e de hoje.

Documentação histórica

Inicialmente procurei obter um conhecimento amplo e geral sobre o município de Campinas, para depois chegar à questão do bairro Vila Costa e Silva e outros pontos que seriam levantados ao estudar o bairro tais como: a questão da negritude, a educação não-formal, os movimentos populares de bairro, o carnaval e a questão dos jovens em situação de risco, etc.

Para tanto procurei uma documentação que retratasse não só a história de Campinas, mas também todos os pontos acima indicados que envolveram o estudo do bairro Vila Costa e Silva. Serviram de instrumentos de estudo, livros que abordavam a questão urbana e histórica de Campinas, boletins, jornais antigos e atuais, monografias de fim de curso, o plano diretor da cidade, dissertações, teses, etc., abordando tais temas.

Depoimentos Orais (Metodologia da História Oral)

Através desta metodologia, levantou-se a memória do bairro e de suas instituições étnico-culturais através da coleta de depoimentos orais de moradores mais antigos no bairro e de moradores que atuam ou atuaram nessas instituições.

A História Oral, metodologia de pesquisa voltada para o estudo do tempo presente e baseada na voz de testemunhas, vem ganhando adeptos entre os pesquisadores voltados para às ciências humanas¹⁰.

As formas através das quais a palavra do outro é captada são diversas. As fontes coletadas no presente trabalho tiveram a forma de depoimento oral, ou seja, buscou-se obter dados informativos e factuais, assim como o testemunho dos moradores da Vila

¹⁰ Sobre o assunto é oportuno consultar: LANG, Alice B. da S. Gordo et al. *História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. São Paulo: Humanitas, 1998.

Costa e Silva sobre a sua vivência e participação em situações vividas e em instituições existentes no bairro.

Cabe notar que, na medida em que a História Oral busca conhecer o passado através do testemunho de pessoas que nele viveram, recorre à memória do narrador. A memória não é apenas individual, mas social, sendo que a primeira é determinada pela Segunda e esta age sobre aquela em um processo dinâmico. E ainda, o lembrar e reconstruir o passado é feito com os olhos e valores de hoje, a que se somam as experiências de vida do narrador. O documento criado pela recuperação da memória é um documento do presente, sendo, contudo uma reconstrução de fatos passados. (HALBAWACHS, 1990).

Um trabalho de História Oral não é certamente um trabalho sobre a memória. Entretanto os registros da memória ou a rememoração de fatos são utilizados no processo de reconstrução da realidade segundo as várias versões captadas cada qual correspondendo a determinado grupo da população.

Ao empregar este método em pesquisa de caráter sócio-histórico, não houve como única preocupação a reconstrução de fatos do passado recente da Vila Costa e Silva como verdades históricas, mas houve um esforço de aprender novos detalhes e conseqüências desses fatos. Tentou-se também, capturar e compreender as visões de mundo, desejos e utopias elaboradas por diferentes estratos ou grupos sociais envolvidos nos fatos levantados e os mecanismos de propagação deles, primeiramente entre os membros de seu próprio grupo e depois alargando o alcance de sua influência a fim de atingir outros espaços sociais. Neste caso é a aplicação deste trabalho de História Oral como oficina que será oferecida aos jovens do bairro na Paróquia de São Benedito.

Do ponto de vista da técnica de pesquisa, o principal objetivo do método biográfico, ou história oral, com o auxílio de informantes, foi a construção de versões sobre o passado que a memória deles permitiu elaborar; completando então as informações com dados obtidos através de outros suportes empíricos, no caso deste trabalho, a documentação histórica utilizada e as imagens do bairro de ontem e de hoje, obteve-se condições de analisá-los e interpretá-los elaborando-se assim uma outra versão, a qual supostamente é mais próxima da realidade.

O uso destas fontes complementares tem como objetivo inserir estes depoimentos orais num contexto sócio-histórico-cultural para que tenha esta significação real.

Além da memória individual e a social, há também a memória “subterrânea”, ou marginal, que corresponde às lembranças dos grupos dominados de uma dada sociedade e não são reconhecidos pelos setores hegemônicos. Este é o tipo de memória da Vila Costa e Silva. Para reconstruir a sua memória foi preciso recorrer ao método da história Oral, pois a história do bairro não consta em documento, livros etc., ou seja, algo pronto e estudado sobre esta. Isto se deve também ao fato de grupos que são discriminados pela sociedade mais ampla não tem e não tiveram a chance de registrarem a sua trajetória na memória coletiva.

A seleção dos entrevistados neste trabalho seguiu critérios específicos de acordo com a experiência de vida dos pesquisados e a relação destes com o espaço social. No levantamento da história do bairro foram entrevistadas pessoas de 65 anos ou mais e num momento de ausência de pessoas desta faixa etária dispostas a colaborar com a pesquisa, foram selecionadas pessoas com uma faixa etária menor de 47 a 59 anos aproximadamente, mas que habitavam o bairro desde sua fundação, ou seja, vivem há mais de 25 anos no mesmo. Foram entrevistadas 15 pessoas, 11 mulheres e 4 homens, sendo 5 pessoas aposentadas, 2 donas-de-casa, 2 desempregadas, e as demais trabalham.

O que favoreceu o contato e seleção dos entrevistados foi o conhecimento que tenho do bairro e de boa parte das pessoas que nele habitam, pois moro no bairro vizinho, a Vila Miguel Vicente Cury (antes de morarmos neste bairro, minha família morou na Vila Costa e Silva durante um ano mais ou menos e em meados de 1974, ano em que nasci, quando foi formada a Vila Miguel Vicente Cury, mudamos para lá) sendo que moradores me conhecem e a meus pais, e então se dispuseram a participar da pesquisa.

As entrevistas foram feitas em sua maioria, na casa do entrevistado, após uma conversa prévia na qual onde foi estabelecida uma relação de confiança e explicitados os objetivos da pesquisa. Deixei o entrevistado livre para relatar os assuntos que ele mesmo julga mais relevante sobre a sua história pessoal e a do bairro. Para abordar os assuntos selecionados elaborei um roteiro base para a partir dele, derivar temas específicos respeitando sempre a experiência e a vontade dos depoentes.

Roteiro base para a coleta de Depoimentos Orais

- **Reconstrução** do bairro desde a chegada do morador: recordações mais remotas; costumes peculiares; brincadeiras; habitação; transporte; alimentação; vestuário; vida cultural, festiva e cotidiana.
- Relações familiares: pais e filhos, irmãos, compadres.
- Festas familiares: batismo; casamento; aniversários; bailes e saraus, etc.
- Esportes: futebol, jogo de pelada ,turfe, corrida de charretes.
- Clubes: esportivos e sociais.
- Carnaval: rua; clube.
- Lazer: música; teatro; cinema; bandas; artes plásticas; footings; bailes; festas, jogos conversas na calçada, folguedos infantis, reuniões lítero-musicais, chás beneficentes, chás femininos.
- Relações com a vizinhança: conversas, festas em conjunto; brigas; disputas; ajuda mútua, etc.
- Vida religiosa: quermesses; novenas; procissões; grupos de orações; relação entre a população e a igreja; a influência da igreja na vida do bairro; festas e outras manifestações.
- Fatos gerais que possam ter marcado a vida no bairro: movimentos sociais; eleições; manifestações; greves etc.
- Dificuldades e facilidades do viver no bairro (infra-estrutura): saúde; escolas; transportes saneamento básico; iluminação e segurança.
- Relações de trabalho: atividade profissional dos moradores; relações com patrões e colegas; etc.
- Aspectos evolutivos do bairro: mudança na estrutura física comparando o passado com a atualidade.
- Relações entre bairros, dos bairros com o Centro (como a identidade estipula fronteiras e divisões entre os moradores).

Fotografias de Ontem e de Hoje

Faz parte do presente trabalho a utilização de fotos coletadas junto aos arquivos da Biblioteca da Prefeitura Municipal de Campinas, nas entidades do bairro e raras fotos fornecidas pelos moradores. As fotos de hoje foram tiradas por mim e retratam os pontos principais (por mim considerados), mostrando as modificações sofridas na Vila Costa e Silva após trinta anos de sua fundação.

A fotografia tem funções de “expressar, despertar e descrever” a realidade pela observação e interpretação subjetiva da imagem. Permite ainda perceber as relações entre signo e imagem e principalmente inserir a fotografia no panorama cultural, no qual foi produzido.

O procedimento mais vantajoso, no sentido de se tentar a reconstrução histórico-sociológica de um determinado fenômeno ou processo, é aquele que utiliza a fotografia conjuntamente com outros tipos de dados empíricos, pois uma foto sozinha não permite fazer muitas inferências de caráter histórico-sociológico¹¹. Portanto neste trabalho a fotografia foi associada a outros dados de pesquisa tais como: depoimentos orais, documentos, mapas, dados bibliográficos e outras fotos, para que as informações que contém pudessem ser visualizadas por mim num contexto mais amplo, que permitiu explorar os dados registrados naquele suporte fotográfico.

A fotografia funciona também como uma base sólida à partir da qual o pesquisador pode colocar questões pertinentes sobre o tema pesquisado. As imagens fotográficas permitem ao pesquisador encontrar fontes para a elaboração de suas questões. Somadas ao conhecimento obtido a partir de outros suportes, estas o permitem a atuar como o que se chama de “interlocutor válido”, que significa capaz de colocar questões adequadas no momento conveniente.

O trabalho de análise das fotos foi feito através de Fichas de Identificação e Fichas de Conteúdo, uma vez que as fotos não são meras ilustrações, mas fontes de dados para a pesquisa.

¹¹ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. *Som e imagem na Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: Reflexões de Pesquisa*. In: Anais do Seminário “Pedagogia da imagem, Imagem na Pedagogia”. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Departamento de Fundamentos Pedagógicos, 1996.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO/TÉCNICA

DATA E INDICAÇÃO DO PERÍODO: jornal, revista, livro catálogo, documento, etc.

PERÍODO : diurno () noturno ()

LOCAL : interno () externo ()

 público () privado ()

TIPO : posada () instantânea ()

 foto de estúdio () Sim () Não ()

 publicada em revista () jornal () isolada ()

 montagem () close-up () com fundo ()

CARACTERÍSTICAS: nítida () embaçada () pouco contraste ()

CONDIÇÕES DE CONSERVAÇÃO : forma e local onde a foto está arquivada

FOTÓGRAFO: _____

DOADOR: _____

COLECIONADOR: _____

FICHA DE CONTEÚDO

NÚMERO DE PERSONAGENS: _____

SEXO: _____

IDADE: _____

COR: _____

INDIVIDUAL (H ou M)/ PEQUENO GRUPOS (quantos?)/ GRUPOS DE
VIZINHANÇA _____

SITUAÇÕES REGISTRADAS: trabalho/ lazer/religião/ transporte/etc.

FOTO EM ESTÚDIO: local/fotográfico/decoração

FOTO EXTERNA: local/situação/hora/,período.

LEGENDA: fornecida pelo doador, constante do periódico ou o que a pessoa falar
quando mostrar a foto.

OUTROS INDÍCIOS:

CAPÍTULO I – VILA COSTA E SILVA 30 ANOS DE HISTÓRIA

1.1 – O PLANO NACIONAL DE HABITAÇÃO E A COHAB.

Depois da revolução de 31 de Março de 1964, o governo revolucionário anunciava que uma de suas principais metas seria a construção em massa de casas populares para o povo. Assim desde que a revolução eclodiu houve o crescimento do número de habitantes proprietários de unidades habitacionais. Campinas, como uma das principais cidades do estado de São Paulo não poderia deixar de acompanhar o ritmo de crescimento que era imprimido ao Brasil. Diversos novos bairros denominados vilas apareceram e centenas de habitações populares foram entregues aos trabalhadores brasileiros residentes na cidade. Para tanto havia sido criado em 1965, o Plano Nacional da Habitação, financiado pelo B N H, o Banco Nacional de Habitação. O Plano Nacional de Habitação procurou não só minimizar a problemática da habitação, mas, também servir como um instrumento capaz de garantir maior estabilidade social num momento crítico, ou seja, enquanto o governo militar procurava justificar sua ascensão forçada ao poder. Complementando, uma das razões dessa criação foi a remoção das favelas nas grandes cidades, mas especificamente do Rio de Janeiro, e outra foi a de dar, ao que parece, alguma continuidade, quase que como uma resposta aos esboços de ação governamental no âmbito da habitação que aconteceram, notadamente no mesmo Rio de Janeiro, no período imediatamente anterior a 1964, o qual fora um período de ações sociais predominantemente de caráter populista dentro da sociedade brasileira” (MOISÉS, R..N. , 1985, pag. 64.)

A execução do Plano Nacional de Habitação ficou a cargo da COHAB, Companhia de Habitação Popular ligada ao B. N. H.. As Cohabs eram sociedades de economia mista que tinham por objetivo o estudo e a solução do problema da habitação popular, planejando e executando, prioritariamente, a erradicação de moradias que apresentavam condições semelhantes às favelas, substituindo-as por casas que possuíam os requisitos mínimos de habitabilidade. A atuante COHAB-CAMPINAS, já na época da criação, considerou o número apreciável de cortiços e favelas existentes na cidade. Devido à impossibilidade material de ser imediatamente resolvido o problema em virtude da carência de moradia então existente em Campinas, o Prefeito Ruy Hellmeister Novaes, criou, pela Lei n. 3213 de 17 de Fevereiro de 1965, a COHAB-

CAMPINAS, sociedade de economia mista, cujo capital majoritário pertencia à Prefeitura, sendo esta, portanto a maior acionista.

Posteriormente para o financiamento da primeira etapa da construção das casas populares, foi assinado em 7 de junho de 1965, o convênio COHAB-CAMPINAS – B. N. H. , no valor de Cr\$ 600.000.000.¹²

As casas seriam construídas conforme modelos padronizados pelo SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, ou seja, construções sólidas de bom acabamento e que possuam as condições mínimas de habitabilidade exigidas. Com 36 metros quadrados de construção e terreno de 128 metros quadrados de área, deveriam conter: sala, quarto, cozinha, banheiro e área de serviço, sendo que a construção era dotada de um dispositivo que permitia o aumento imediato de mais dois cômodos. Cada casa continha ainda quando da sua entrega ao morador, um sofá cama e um beliche com quatro colchões.

Em 1968, já estavam habitadas a Vila Rica e a Vila Castelo Branco e quase concluída estava a Vila Boa Vista, neste período, começava-se a construir a Vila Costa e Silva e a Vila 31 de Marco.

Os critérios de seleção para conseguir um dos imóveis eram determinados pela COHAB e executado através de suas assistentes sociais, as quais visitaram toda a cidade de Campinas, a fim de ter conhecimento objetivo, da real situação habitacional e, baseando-se no conhecimento dos locais que apresentavam maior índice de sub-habitação, dividiu-se a cidade em quatro zonas distintas, a serem desfaveladas.

Obedecendo esta demarcação, fez-se um levantamento sócio-econômico das famílias nos locais onde se observou maior índice de sub-habitação. Este levantamento foi realizado em todas as favelas e cortiços existentes na cidade, através de entrevistas individuais e familiares.

Após estes estudos foram adotados os seguintes critérios para a seleção dos futuros proprietários:

1. Barracos ou sub-habitações
2. Funcionários mais necessitados
3. Cortiços
4. Expropriados da prefeitura e para prioridade no atendimento, foram observados.
 - a) Possibilidade aquisitiva

¹² Fonte – Jornal Correio Popular – 1965.

- b) Necessidade econômica
- c) Residir no local a um prazo X.
- d) Não possuir imóvel
- e) Número de dependentes

Havia um carinho todo especial dedicado aos funcionários da prefeitura na seleção para a aquisição da casa própria. Mais de 150 famílias de funcionários, foram visitadas e, dentre estas, apurou-se serem as mais necessitadas 75 famílias que foram contempladas. Em relação aos critérios utilizados pela COHAB, Almeida (1976) faz uma observação “ Os critério da COHAB, também tem uma homogeneização como pressuposto. Isso se expressa, por exemplo, no arranjo arquitetônico das vilas, cujas casas são iguais, variando apenas em algumas poucas cores e o número de quartos” (pag. 16).

Almeida, ainda comenta que “Mas se estes critérios norteiam idealmente os princípios de seleção dos candidatos, ao nível do processo real de sua escolha um outro elemento tem que ser considerado. Acompanhemos o processo. Quase sempre por meio de informações pessoais, as pessoas, na maioria dos casos, mulheres, tomam conhecimento da existência das vilas populares. O passo inicial é a inscrição na COHAB, o que também é feito, na maioria das vezes, por mulheres, embora em nome dos homens. As inscrições em nome das mulheres ocorrem quando elas são viúvas, separadas ou desquitadas, ou quando os maridos não são” capazes de assumir a responsabilidade do pagamento das mensalidades “. Pôr exemplo, quando o marido” bebe “. (pag. 20).

Os candidatos selecionados para serem os moradores das vilas populares a serem entregues são chamados e comparecem, em data e local determinado pela COHAB, ao sorteio das casas. No caso da Vila Costa e Silva o sorteio foi feito no ginásio do Taquaral, como relataram os moradores entrevistados, mas nenhum morador conseguiu lembrar-se exatamente o mês e ano em que se realizou o sorteio.

Para chegarem ao sorteio, as pessoas passaram por todo um processo anterior, de inscrição, de espera, de busca de pessoas com poder para ativar esse processo (algumas pessoas que conheciam ou eram parentes de políticos, recorreram a estes para agilizar o processo de aquisição de suas casas Dos moradores entrevistados, nenhum, recorreu a tal atitude, todos disseram que fizeram a inscrição e tiveram que aguardar até dois anos para conseguir a sua casa.

Ao lado da motivação ideológica da casa própria segundo a qual as pessoas que iam para as vilas populares iam para ter uma coisa “deles” e em “ordem”, pois os altos preços de moradia consumiam grande parte da renda familiar, e os levavam à procura de habitação onde não se paga aluguel, impossível para aqueles que não dispõem de recursos para comprar terreno e construir a casa. Restava então, a alternativa de se inscrever na COHAB e aguardar a casa da vila popular. Um outro aspecto tem que ser considerado para explicar a procura da casa da COHAB: o da inacessibilidade objetiva, para certos setores da sociedade, as moradias habitáveis segundo as necessidades e expectativas de trabalhadores já em sua maioria com experiência urbana.

Esses dois aspectos, numa cidade como Campinas, de rápido desenvolvimento urbano-industrial e com elevada especulação imobiliária, juntam-se para criar enormes filas de pessoas à espera de habitação popular e contribuem para o chamado “sucesso da política de moradia popular da COHAB. “Sucesso” este que não excluiu, nem excluiu uma, razoável quantidade de prestações atrasadas, abandonos e despejos que acompanham a história das vilas populares em Campinas. Na Vila Costa e Silva esse fenômeno foi percebido durante os depoimentos, pois muitos moradores disseram que vários de seus vizinhos antigos já não moravam mais lá porque foram despejados.

Frente a esses problemas, a COHAB adotou uma maior rigidez na seleção econômica dos candidatos e criou a “Divisão Social”. Esta é constituída de assistentes sociais que visitam as famílias em atraso com a COHAB e, por meio da organização de orçamentos familiares, incentivo ao emprego de mais pessoas da família, conselhos etc., tentam garantir parte da renda da família para o pagamento das prestações da casa.

Mesmo os critérios da COHAB tendo uma homogeneização como pressuposto, ou seja, pressupõem um morador médio com características familiares semelhantes, e o arranjo arquitetônico das vilas, com casas sempre iguais, variando às vezes em poucas cores em número de quartos, a Vila Costa e Silva, através de seu estudo neste trabalho é exemplo de que os moradores não são homogenizáveis cada um traz sua bagagem de atuação e vivência no bairro que se reflete também na aparência de sua residência

As duas reportagens citadas do jornal Correio Popular falam com um certo entusiasmo sobre a construção da Vila Costa e Silva, citando até mesmo o prazo de entrega previsto para abril de 1969. Nesta época da construção (o ano de 1968) não houve problemas com o andamento das obras, pois as duas empreiteiras, citadas acima haviam assumido a construção das casas. Os problemas começaram quando a empreiteira ETIC S/A, entrou com pedido de falência no início de 1969. As obras foram paralisadas, os pagamentos atrasados. Em um acordo firmado com fornecedores de materiais que foram destinados para a construção da vila, a COHAB-Campinas, assumiu a responsabilidade das obras, para viabilizar a continuidade da construção da vila.¹³



Ao assumir a dívida das empreiteiras que faliram, a COHAB assumiu as obras administrando-as diretamente. Segundo o prefeito da época Orestes Quércia e Camilo de Souza Coelho presidente da COHAB-Campinas na época foram economizados cerca de CrN\$ 1.500.00,00, e este foi até então, o único caso em todo o Brasil em que uma COHAB administrou diretamente a construção de uma obra de tal envergadura, dentro do Plano Nacional de Habitação, criando dentro de sua própria organização um “verdadeira construtora”.

Com o término da obra, muitas casas já foram entregues logo no início de 1970, e em meados deste ano, os jornais começavam a divulgar a inauguração da Vila Costa e

¹³ Todo esse acontecimento é relatado em reportagem do jornal Correio Popular de 16 de Abril de 1969,

Silva e da Vila 31 de Março pelo então Presidente da República Emílio Garrastazu Médici. O jornal Correio Popular do dia 13 de junho de 1970, fala da preparação da cidade para receber o Presidente no dia 19 do mesmo mês. O mesmo jornal no dia 17 de junho traz a manchete “Todos esperam a visita do Presidente”, destaca a preparação dos moradores do bairro para receber o Presidente. A reportagem ainda levanta os problemas que existem no bairro como: falta de telefone público, falta de farmácia, não tem escola. No dia 18 de junho de 1970, os jornais O Estado de S. Paulo e Diário do Povo trazem respectivamente as manchetes: “Médici vai a Campinas e” Médici inaugura amanhã a Vila Costa e Silva “. No artigo o repórter primeiro limita-se a comentar o programa de visitação do presidente na cidade, o segundo, fala do itinerário a ser seguido pelo presidente na cidade e sobre o fechamento do comércio na manhã em que ocorrerá a visita”.

O ESTADO DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 1970

B. P. M. P. E. M. Zink

Documentário de Campinas



É parte da Vila Costa e Silva, que será inaugurada

Médici vai a Campinas

Da Sucursal de
CAMPINAS

O presidente Médici inaugurará amanhã em Campinas 2.637 casas construídas mediante administração direta da COHAB, 1.531 das quais constituirão a Vila Presidente Costa e Silva. O presidente da República será acompanhado pelo ministro Costa Cavalcanti, do Interior; Mário Trindade, presidente do Banco Nacional da Habitação; Bartolomeu Bueno da Miranda, delegado regional do BNH, e outras altas autoridades.

Especialmente convidados para a cerimônia, comparecerão a Campinas a viúva do ex-presidente Costa e Silva, d. Yolanda Costa e Silva, e seu filho, coronel Alcio Costa e Silva.

PROGRAMA
O programa da visita oficial a Campinas do presidente Médici é o seguinte: chegada ao aeroporto de Viracopos às 8 e 30; recepção na Prefeitura de Campinas, às 9 horas. Às 10 horas, o presidente Médici seguirá para a Vila Costa e Silva, onde entregará as chaves populares aos seus futuros moradores. Às 12 horas, o general Médici deixará Campinas com destino a São Paulo.

Enquanto o presidente da República segue para São Paulo, às 12 e 30 o ministro Costa Cavalcanti dará sequência às inaugurações. O ministro do Interior almoçará na Sociedade Hípica de Campinas.

O jornal O Estado de S. Paulo do dia 19 de junho, de 1970, traz a manchete: "Uma família espera Médici". A reportagem em questão trata da preparação de uma moradora da Vila Costa e Silva cuja casa será visitada pelo presidente. A COHAB-Campinas escolheu a casa no. 346, da Rua 34, para mostrá-la ao presidente, em virtude de não ter sofrido nenhum acréscimo ou qualquer outra alteração, conservando as

mesmas características originais. A reportagem destaca também que o núcleo a ser inaugurado pelo presidente é o mais importante dos núcleos construídos pela COHAB-Campinas, por administração direta.

Em relação à casa visitada pelo presidente Médici no momento da inauguração da Vila Costa e Silva, considero válido comentar que a escolha não foi só pela estrutura física da casa, mas também em relação à sua localização no bairro, ou seja, estratégica, localizando-se em frente à praça onde ocorreu a solenidade de inauguração do bairro.

Após conseguir esta informação sobre a casa visitada, fui até esta perguntando se Dona Ana Maria Borghi Mariolano (o nome foi citado na reportagem), ainda lá residia. Fui recebida por Dona Maria (identificou-se somente assim), que sabia que a casa em que mora agora foi visitada pelo presidente no momento da inauguração do bairro, mas ela havia mudado para esta casa dois anos após a inauguração em 1972, e disse não conhecer a antiga proprietária e nem os motivos que a levaram a mudar-se do bairro.

1.3 AS DIFICULDADES DE ONTEM E DE HOJE

Após a inauguração os problemas que já existiam desde a mudança dos primeiros moradores, ainda iriam vão continuar por muito e muitos anos no bairro. A reportagem citada anteriormente do jornal Correio Popular do dia 15 de Outubro de 1968, dizia que “... as vilas que forem ocupadas pelos agora proprietários de casas populares, já terão água, esgoto, pavimentação, e luz a gás de mercúrio. Além disso, todas terão Escolas-Parque, e áreas destinadas a igrejas. A Vila Costa e Silva, por exemplo, terá um centro de Convivência Cultural, duas Escolas-Parque, Praça de Esportes, um mercado e um Posto Policial”. Em outra reportagem também citada anteriormente do jornal Correio Popular de junho de 1970, na semana da inauguração do bairro, foram levantados alguns problemas como: falta de telefone público, falta de farmácia, e principalmente falta de escola.

Os primeiros problemas que foram resolvidos foram a instalação da rede elétrica, e da rede de água. Alguns moradores em seus depoimentos relataram que a energia elétrica chegou alguns dias após estarem morando no bairro. A dificuldade em conseguir a data precisa da instalação da rede elétrica no bairro, deveu-se à impossibilidade dos depoentes em estarem relatando datas precisas. Um morador do bairro, Cláudio disse que a sua casa foi a primeira a receber a energia elétrica. A casa

fica na rua 22, no 06, na esquina com a rua 36, que é umas das ruas principais do bairro. A rede de água após funcionar era a princípio insuficiente, fazendo com que muitos moradores recorressem à mina, localizada às margens da Rodovia General Milton Tavares de Lima. Naquela época, com a duplicação da rodovia, a mina foi transferida para o lado oposto da rodovia, dificultando o acesso a esta, pois os moradores tinham que atravessar a rodovia para buscar água. Em relação à pavimentação, segundo depoimento da moradora da rua 16 Dona Hercília, após 1972, ou seja, dois anos após a inauguração, é que foi feito o asfaltamento no bairro. A instalação de escolas no bairro ocorreu alguns anos após a inauguração também. A primeira escola foi fundada em 1973, chamava-se Grupo Escolar Ruy Barbosa e agora se chama E.E.P.S.G. “Prof. Adalberto Prado e Silva”. O parque infantil só foi inaugurado em 1976. Portanto o atendimento aos jovens e crianças do bairro foi deficiente nos primeiros anos de sua existência. Todos os moradores entrevistados disseram que para ir à escola naquela época era preciso andar até o Parque Taquaral (a região onde se localizava a escola do Taquaral, na época, chamava-se Grameiro). Esse percurso era feito a pé, pois também não havia ônibus. A escola em questão é o colégio “Gustavo Marcondes”, que se localiza em frente à Lagoa do Taquaral. A questão do transporte também era deficiente no bairro, pois para ir ao centro da cidade, os moradores tinham que atravessar a rodovia, para poder pegar o ônibus, pois este não entrava no bairro como acontece hoje. Eles se serviram das linhas de ônibus que vêm do centro da cidade e servem o Distrito de Barão Geraldo. A circulação de ônibus dentro do bairro só foi possível após a pavimentação, e ainda assim era muito precária, pois os ônibus demoravam muito e não tinham um horário preciso, segundo depoimentos de moradores. O ano exato em que os ônibus passaram a servir ao bairro também não foi fornecido pelos depoentes, pois estes não lembraram exatamente quando isto se deu. A empresa que operava o transporte coletivo na cidade naquela época era a CCTC, Companhia Campineira de Transportes Coletivos. Na época havia outras empresas, mas era esta a empresa que operava no bairro, pois já servia o Distrito de Barão Geraldo na época da inauguração da vila. A própria garagem desta empresa localizava-se no bairro, e hoje é atualmente garagem da empresa de transportes rodoviários Cometa. A empresa deixou de atuar na cidade em 1986, quando assumiu o serviço a TUCA, Transportes Urbanos Campinas, que até hoje atende a região da Vila Costa e Silva entre outras regiões em Campinas. Um problema que já era antigo e ainda existe, é a falta permanente de opções de lazer e cultura para os jovens do bairro. Os melhoramentos apontados na reportagem do Correio Popular de 15

de outubro 1968 e que já deveriam existir desde o começo do bairro, não foram concretizados até hoje. As atividades de cultura e lazer que existiram e que existem no bairro são iniciativas dos próprios moradores através do Conselho de Moradores, da escola de samba, da extinta escolinha de futebol Real Estrela Costa e Silva, etc. A reportagem do jornal Diário do Povo, datada de 14 de Outubro de 1982, com o título “A luta de uma vila de samba e bola”, fala das dificuldades, desde o início do bairro até doze anos após a sua fundação. Fala do desejo dos moradores de existir uma praça de esportes na vila. Passados quase sete anos dessa reportagem do jornal Diário do Povo, numa outra reportagem, do dia 06 de agosto de 1989 chama à atenção em relação à falta de lazer na Vila Costa e Silva, sob o título “Falta lazer para os jovens na tranqüila Costa e Silva”. A então presidente da Sociedade de Amigos de Bairro, Maria do Carmo Mendes, diz que já montou grupos de teatro e dança, mas eles não prosseguiram porque o dinheiro para o pagamento dos monitores acabava. E diz ainda que os moradores do bairro também estão pedindo a construção do Centro Esportivo para o bairro que conta apenas com um campo de futebol. A questão da segurança também é um velho problema do bairro. Ali não foi instalado nenhum posto policial (a reportagem citada anteriormente trata também da questão da falta de policiamento), e o bairro como se sabe é conhecido na cidade e no Estado de São Paulo como um local de tráfico de drogas. O número de assaltos é cada vez maior no bairro, principalmente o roubo de veículos, mas é importante ressaltar que o problema da violência é generalizado em toda cidade de Campinas. Segundo depoimentos de moradores hoje há mais rondas da polícia que antigamente, mas ainda são insuficientes. Uma reivindicação antiga dos moradores do bairro que foi conquistada há seis anos foi a construção da passarela sob a Rodovia Milton Tavares de Lima. A passarela era pedida porque muitos moradores usam os ônibus que fazem a linha Barão Geraldo-Centro para ir ao trabalho e precisavam atravessar a rodovia para pegar o transporte coletivo. Um grave incidente em Abril de 1995, num Domingo de Páscoa, que culminou com a morte, por atropelamento na rodovia, de um garoto de apenas 8 anos, morador do bairro, foi o estopim (já havia acontecido outras mortes por atropelamento) para uma manifestação que teve repercussões nacionais na mídia. Durante mais ou menos dez dias, os moradores do bairro enfurecidos e munidos de um sentimento de solidariedade para com a família do garoto morto, impediram o tráfego na rodovia. Munidos de picaretas e machados construíram uma espécie de “trincheira”, que impediu o tráfego de qualquer tipo de veículo, e quem tentava furar o bloqueio era expulso com uma “chuva” de paus

e pedras. Nem mesmo às ambulâncias foi permitida a passagem. É importante ressaltar que a Rodovia Milton Tavares de Lima tem um tráfego significativo, pois é o acesso principal ao Distrito de Barão Geraldo para quem vem do centro de Campinas e consequentemente acesso principal à UNICAMP e portanto ao Hospital das Clínicas e ao Centro Médico que fica próximo a universidade. É acesso também para a Rodovia Dom Pedro I, e para quem pretende pegar a Anhanguera. E também é via direta para as cidades vizinhas como Paulínia e Cosmópolis. Por ser um acesso importante e pela dimensão que este tipo de manifestação tomou, foi resolvido o problema em tempo recorde, pois os efeitos causados com a interrupção do tráfego fizeram a região viver dias caóticos com inúmeros congestionamentos. O transporte de substâncias perigosas (que se dirigiam à refinaria de Paulínia, a Replan) foi desviado para áreas residenciais aumentando o risco de acidentes, e o socorro a doentes ficou muito prejudicado. O poder público não poderia mais deixar a discussão da construção da passarela para outro momento, diante de tantos problemas que a manifestação causou. Foi decidida a construção imediata da passarela. Isto foi possível também com parceria entre a Empresa Campineira, hoje pertencente ao grupo Danone, localizada na própria rodovia e interessada direta na solução do problema, e a prefeitura que entrou com a mão-de-obra, para a construção da passarela e a empresa forneceu a verba para a compra de materiais, foram gastos cerca de R\$ 80.000,00, e em poucos meses a passarela foi entregue aos moradores.¹⁴

¹⁴ Todos estes fatos relatados sobre a manifestação da passarela, foram baseados em reportagens que li na época e por ter vivenciado o transtorno que foi o impedimento do trânsito na rodovia, pois na época eu estava no meu 1º ano de faculdade na UNICAMP.



UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

1.4 ASPECTOS DA VILA COSTA E SILVA HOJE

Desde a sua fundação até os dias de hoje ou seja, decorridos trinta anos, a Vila Costa e Silva passou por inúmeras transformações, tanto em relação à sua característica inicial de vila popular com casas de aspecto homogêneos, quanto em relação ao tipo de população que habita a vila hoje. Ao andar pelas ruas do bairro (todas levam o nome de tribos indígenas, mas até hoje são identificadas pelos moradores pelo número que estas possuíam antes de receber os nomes, rua 07, 10, 32, etc.) pode-se notar imediatamente a transformação das casas. Os muros altos (inicialmente os muros eram baixos, com aproximadamente 0,50 m.), garagens internas, coberturas, etc., diferenciam as habitações. Tais características permitem concluir que a Vila Costa e Silva é formada hoje em sua maioria por uma população de classe média.







Muitos dos antigos moradores hoje tem uma vida confortável, e conseguiram modificar suas casas de modo que estas se adaptassem ao padrão de vida atual, conquistado através de muitos anos de trabalho em ocupações estáveis¹⁵, que permitiram planejar a reforma da casa e a compra de um automóvel. É válido comentar que esta mudança no padrão de vida deveu-se também aos filhos dos moradores antigos que, com melhores oportunidades de estudo e profissionalização, conquistaram bons empregos e contribuíram também para essa mudança de padrão econômico-familiar. Pude verificar não só nas entrevistas, mas através de conversas informais com moradores, que a escolaridade dos antigos moradores é bem inferior à escolaridade alcançada agora pelos seus filhos. A escolaridade média dos antigos moradores chega à 3ª série do ensino fundamental, já seus filhos alcançam uma escolaridade média de 2º grau completo. Com o ensino supletivo instalado no bairro, há mais de vinte anos, é sensível, mas não expressiva, a escolarização de pessoas que possuem mais de 45 anos, moradores do bairro, que procuram uma melhor qualificação no mercado de trabalho, sendo esta a razão principal para a volta aos estudos. A escolarização da maioria dos filhos de moradores antigos é favorecida pelo fato de existir no bairro uma escola de

¹⁵ Considero ocupações estáveis àquelas em que os moradores permaneceram por muito tempo chegando até a se aposentarem, principalmente àqueles moradores já aposentados do serviço público em instituições como a UNICAMP, Prefeitura Municipal, CPFL, Telesp etc.

segundo grau que oferece cursos também no período noturno, facilitando a matrícula destas pessoas, pois não é preciso ter que estudar em outro bairro para cursar o 2º grau. Outro fator é o aumento da concorrência no mercado de trabalho da cidade que hoje exige, para se conseguir uma colocação em um cargo médio, no mínimo o 2º grau. É significativo também o ingresso destes jovens em universidades da cidade, em sua maioria particulares como: PUCCAMP, Unip, Coc Fleming, Faculdade Salesiana, sendo extremamente pequeno o número de jovens que ingressam numa universidade pública como a UNICAMP, por exemplo. Este fenômeno pode ser explicado pela deficiente qualidade de escolarização que estes jovens recebem, (geralmente todos estudaram em escolas públicas), pois o perfil do aluno de uma universidade pública no Brasil, não é exatamente o daquele aluno que estudou numa escola pública deficiente.

Em relação à população, nota-se que nos últimos 15 anos, muitas pessoas se mudaram para cidades vizinhas como: Sumaré, Hortolândia, Paulínia e também para bairros distantes como o Itajaí, DICs e Vila União. Em muitos casos os moradores que mudaram são filhos de antigos moradores. Ao se casaram, escolheram estes lugares para morar, devido à outras políticas habitacionais promovidas nestes lugares. Nota-se que a compra da casa própria na vila neste momento não é muito fácil, pois os imóveis foram se valorizando com o passar do tempo em função das melhorias trazidas para o bairro e para a região onde ele está inserido. Adquirir uma casa na vila ficou muito dispendiosa. Das famílias antigas que se mudaram neste período dos últimos 15 anos cá também o fizeram devido à esta valorização de seus imóveis, pois vendendo a casa na vila é possível comprar uma casa razoável em outros bairros citados, ou até mesmo abrir um pequeno negócio, ou comprar um carro novo, além da nova casa adquirida.

Em relação à população que se mudou para o bairro nos últimos 15 anos, nota-se que fazem parte de uma classe média. As casas compradas por estas pessoas são geralmente pagas à vista, muitas vezes o novo morador “derruba” as velhas construções da COHAB, e constrói uma nova casa com características totalmente diferentes, mais semelhantes às casas de bairros de classe média e média alta como: Taquaral, Santa Genebra, Chapadão, ou Proença.

A vinda destas pessoas de classe média explica-se devido à privilegiada proximidade da Vila Costa e Silva, com a UNICAMP, com os Shoppings Iguatemi e Galleria¹⁶, Carrefour, Macro, e também próximo ao centro da cidade e à Lagoa do

¹⁶ Atualmente está em construção o Shopping Parque Dom Pedro, às margens da Rodovia Dom Pedro I, muito próximo à vila, previsto para ser um dos maiores Shoppings do Brasil.

Taquaral. Essas pessoas não querem pagar muito para viver num bairro de alto padrão, como Taquaral, Alto Taquaral, por exemplo¹⁷, mas também não querem morar num bairro que não ofereça uma boa infra-estrutura, para um padrão de classe média.

Em outras vilas populares não aconteceu o mesmo que se verifica na Vila Costa e Silva, sendo a Vila 31 de Março é um exemplo característico dessa disparidade. Apesar de localizar-se não muito longe do centro da cidade e às margens, praticamente, da Rodovia Dom Pedro I, esta vila não sofreu muitas modificações nesses 30 anos desde sua fundação¹⁸. Um dos fatores que podem explicar este fenômeno é a proximidade da Vila 31 de Março, com grandes favelas tais como: as do bairro São Fernando, a do Parque Brasília e a favela da “rua Moscou” no bairro Cafezinho, ou Nilópolis. A proximidade com tais bolsões de miséria dificulta a vinda de investimentos, para a região, e torna-se uma barreira para a incorporação de uma população de classe média.

A Vila Costa e Silva é dotada hoje de três escolas: a E.E.P.S.G. “Prof Adalberto Prado e Silva”, à princípio chamava-se Grupo Escolar Ruy Barbosa, foi construída pela prefeitura de Campinas sob o financiamento do BNH. Sua construção foi iniciada na administração do prefeito Orestes Quércia e concluída na administração do prefeito Lauro Péricles Gonçalves em 31 de Março de 1973 ; Parque e Centro Infantil Presidente Arthur Bernardes, construído e inaugurado na administração do prefeito Lauro Péricles em 7 de Novembro de 1976; e Grupo Escolar Newton Silva Telles, inaugurado em 20 de Novembro de 1980, sob a administração do prefeito Francisco Amaral e do Governador Paulo Salim Maluf.

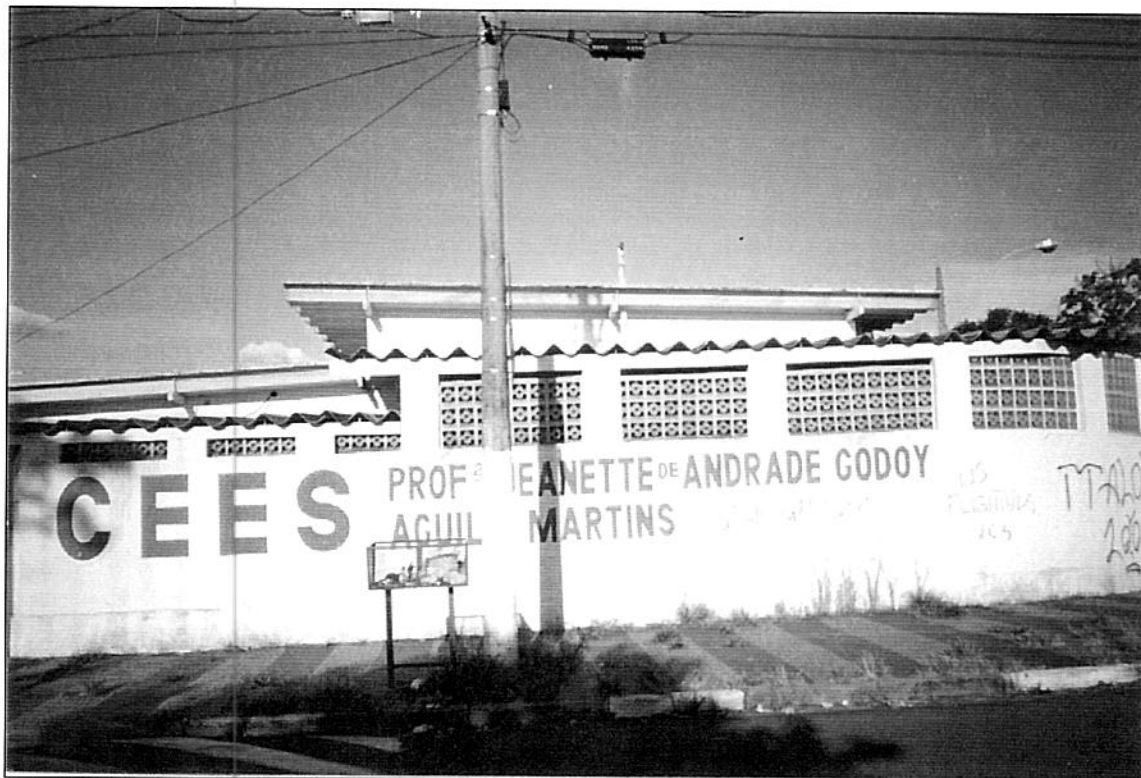
¹⁷ Uma casa nestes bairros chega a custar R\$ 160.000, contra R\$ 60.000 em média na Vila Costa e Silva.

¹⁸ É válido lembrar que a Vila 31 de Março





O CEES, Centro Estadual de Educação Supletiva funciona no bairro desde o início da década de 80 em um prédio da COHAB, que no final da década de 70 foi um clube, onde eram realizados “bailinhos”, nos fins de semana e já fora também utilizado como um varejão, posteriormente.



O Núcleo Comunitário de Crianças e Adolescentes da Vila Costa e Silva, funciona no bairro desde início da década de 80, atende crianças e adolescentes do bairro, nos períodos da manhã e tarde, fornecendo reforço escolar para os educandos e atividades lúdicas. Este trabalho é realizado por monitoras da Prefeitura.



O Centro de Saúde da Costa e Silva funciona há seis anos em um prédio construído num terreno da prefeitura no Jardim Santa Genebra. O prédio inicial localizava-se na Rua 34 da Vila Costa e Silva, e foi instalado o Centro de Saúde no início da década de 80, antes do Centro de Saúde era o antigo escritório da COHAB, na época da construção da vila. Como Centro de Saúde, no antigo prédio funcionava até as 18 horas, atualmente, em instalações maiores, o posto de saúde funciona até as 21 horas.

No antigo prédio do posto de saúde funciona atualmente a Casa de Atendimento Integral ao Idoso do Fundo de Solidariedade do Município de Campinas, obra esta da administração passada do prefeito Francisco Amaral. O prédio apesar de localizar-se no bairro, presta o atendimento a idosos de outros bairros, que sofreram maus tratos ou foram abandonados ou mesmo que moravam nas ruas da cidade, não atendendo à 3ª idade do bairro.

O transporte público do bairro é feito pela TUCA, Transportes Urbanos Campinas, com as linhas 3.27 Vila Costa e Silva\Vila Campos Sales que há uns três anos mais ou menos, liga o bairro à Vila Campos Salles, passando pelo centro da cidade. As demais linhas que passam pelo bairro são: 3.84, 3.83, 3.70, 3.60, 3.71, 3.72, todas com destino ao Distrito de Barão Geraldo, facilitando o acesso dos moradores à UNICAMP e ao distrito. Há uns quatro anos está em funcionamento no município a

STAM, Sistema de Transportes Alternativos do Município, que é formado por “peruas” do transporte alternativo que disputam atualmente o usuário do transporte coletivo na cidade, juntamente com os Seletivos , ou seja microônibus, especialmente projetados para concorrer com o transporte alternativo, e é marcante a presença destes dois tipos de transportes na Vila Costa e Silva.

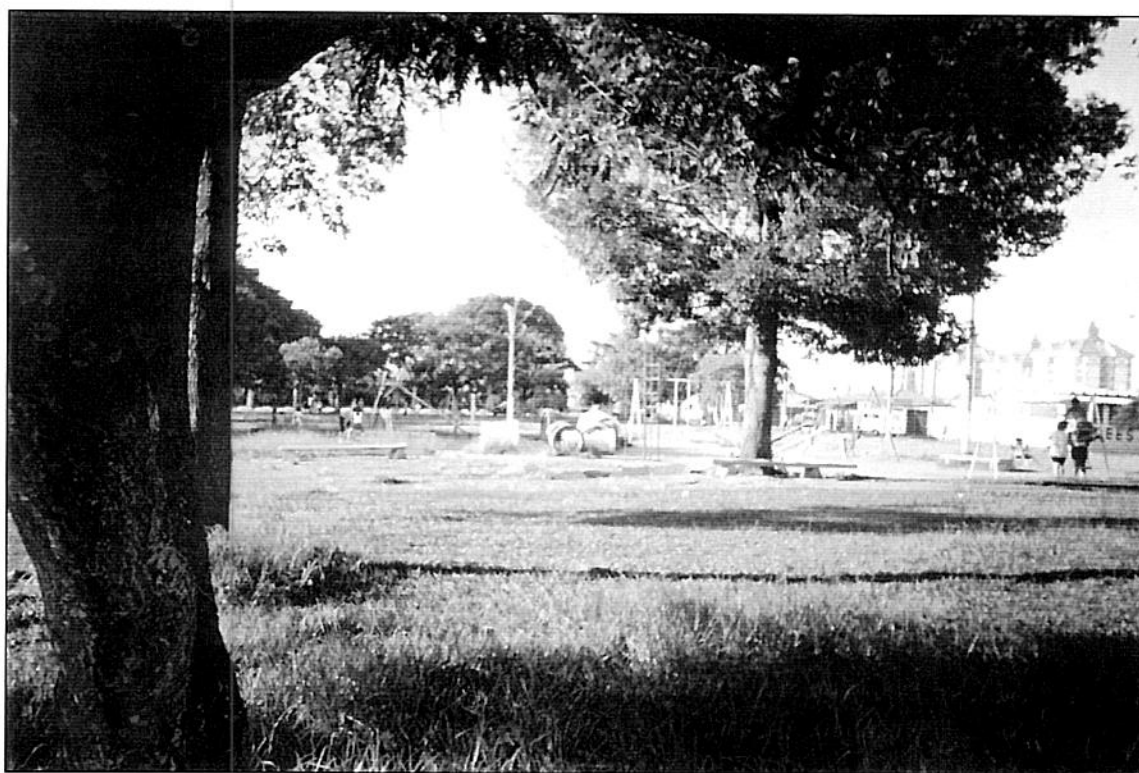




Em relação ao comércio, o bairro é dotado de supermercado, farmácia, papelaria e feira livre que lá funciona há mais de 20 anos. Há também estabelecimentos comerciais montados nas próprias casas dos moradores, tais como: lanchonetes sorveterias cabeleiros, relojoaria, loja de roupas, os quais permitem a obtenção de uma renda complementar para a família ali residente.



A praça central da Vila Costa e Silva é a meu ver o “coração do bairro”. Ao redor encontram: o Núcleo de Atendimento à Criança e Adolescentes, o antigo prédio do posto de saúde, hoje atendendo a idosos, o Venká, que é o maior supermercado do bairro, a feira livre, que acontece todos os sábados de manhã e o Parque Infantil. Na época do carnaval, é o local onde acontecem os ensaios da Escola de Samba Estrela D’Alva. Ela possui valor histórico, pois foi o local onde aconteceu a solenidade de inauguração do bairro em 1970. Na praça é freqüente se ver crianças brincando e jovens jogando bola, velhos conversando, e á noite muitos jovens lá se reúnem e ficam conversando até altas horas. É, portanto um espaço de sociabilidade utilizado por diferentes gerações de moradores locais.



CAP. 2 – IDENTIDADE: COMO FOI SE DESENVOLVENDO A QUESTÃO DA IDENTIDADE NO BAIRRO.

A pesquisa na Vila Costa e Silva permitiu perceber que algumas instituições criadas no bairro atuam fortemente na construção da sua identidade tanto como um local de vivência quanto um espaço de negritude. Entre elas foram pesquisados: a Escola de Samba Estrela D’Alva, o Movimento Negro, o Movimento Hip Hop, a Paróquia de São Benedito e o Conselho de Moradores.

2.1 CARNAVAL: A ESTRELA D'ALVA

A Escola de Samba Estrela D'Alva, é a mais antiga das que estão em atividade em Campinas. Nasceu em 1949, no bairro do Furazóio, atual Vila Nogueira. Foi fundada por Liberato de Moraes, o Beißola sambista falecido em 1978, e figura que é hoje faz parte da própria história da Vila Costa e Silva. Segundo depoimento da viúva de Beißola, Dona Maria José Gomes Moraes, a escola de samba e o time Guarani foram para ele um misto de ritual e obrigação de vida. Da fundação da escola até hoje são passados quase 52 anos de muita luta, vitórias e dificuldades para prosseguir com o sonho do sambista fundador da escola. Após a morte do sambista, assumiu a presidência da escola, um sobrinho de Beißola, Olivio. Depois dele assumiu o Veiga, que esteve à frente da presidência por mais de 5 anos até seu falecimento. Atualmente o comando da escola está nas mãos de Claudelina Aparecida, a Ina, filha de Beißola. Segundo sua mãe, dona Maria José, a Ina procura levar à frente o sonho do pai, e faz com que não morra, a tradição do samba na família.

Desde a fundação da escola, há dificuldades financeiras, começando pela ausência de uma quadra, um barracão, onde possam ser feitos os ensaios e guardados os instrumentos (estes ficam guardados na casa da presidente). Os carros alegóricos ficavam em um terreno em frente à casa da presidente, mas reclamações de vizinhos e cartas da prefeitura pedindo a desocupação, fizeram com que fossem vendidos, para uma outra escola de samba, pois não havia um lugar adequado para guardá-los.



A escola banca os desfiles com a verba da prefeitura e com a renda do bar montado nos dias de ensaios, os quais são realizados na praça, como foi dito anteriormente. Se chove é impossível realizar o ensaio da escola.

Desde a sua fundação a Estrela D'Alva vem acumulando muitos títulos, sendo uma campeã tradicional do carnaval de Campinas. Dona Maria José comenta que "...nenhuma escola faz o que a gente faz, nossa escola não é aquela coisa, mas a gente põe uma coisa direito na avenida, ". Esse comentário de Dona Maria José ilustra bem a paixão que a família tem pela escola. Todo dinheiro que foi ganho com os títulos foi revertido para a escola. Ela diz: " Sempre tem que trocar os instrumentos, as roupas e o material usados nela são de boa qualidade, para mostrar a beleza que é o carnaval."

A carência de verbas agravou-se ainda mais no ano passado, com a crise no setor financeiro, que subsidia o carnaval de Campinas, repassando dinheiro às escolas de samba e blocos. Campinas, pela primeira vez nos últimos 50 anos, não teve o carnaval oficial em 2000. E a Estrela D'Alva ficou sem desfilar na cidade pela primeira vez em sua história. O desfile foi feito no bairro, de uma forma improvisada sem aquela beleza e riqueza características da escola.

Esta "dependência" do carnaval ao apoio vindo do poder público é comentada por Antônio, 1997. "A centralização do desfile e a formatação do carnaval de rua teve o seu ponto alto em 1974, ano do bicentenário da cidade...". Buscando um padrão de

desfile à moda carioca, os Cordões e Blocos existentes nesta época foram apagados para possibilitar a introdução de um modelo de escola de samba, sem tradição em Campinas, até então,¹⁹ pois os Cordões e Blocos é que eram as manifestações típicas do carnaval campineiro. A prefeitura regulamenta a duração do desfile, a apresentação, o julgamento, o itinerário, os prêmios e os critérios de classificação. Deste modo, as escolas de samba atendiam as finalidades da mídia e do controle social. Em outras palavras, as ações que as escolas de samba desenvolvem são aprisionadas por finalidades que raramente dizem respeito aos negros. Deste modo a questão da identidade foi colocada em segundo plano. Num primeiro momento quando o financiamento dos desfiles era feito através de parcerias com comerciantes, que complementavam o financiamento feito pela prefeitura. Estas parcerias não mais ocorrem e o carnaval fica comprometido, pois os anos de dependência em relação ao poder municipal foram longos. Mesmo sem o apoio da prefeitura a presidente Ina, já esta preparando a escola para o próximo carnaval, com um pouco de verba que ainda existe. No momento ela aguarda uma definição da nova administração pública (do PT, prefeito Antônio da Costa Santos, o Toninho, eleito em Novembro de 2000) em relação ao próximo carnaval de 2001, para avaliar se será possível a organização do desfile oficial.

Durante a pesquisa foi coletado o texto do samba-enredo que orientou a elaboração do desfile em 1988.

¹⁹ Sobre o assunto é oportuno ver, ANTONIO, Carlino Fausto. *Carnaval, Identidade Étnico-Cultural e Educação Não-Formal*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas, 1997.

ESCOLA DE SAMBA ESTRELA D'ALVA
SONHO DE UM BRASILEIRO

E a Estrela, a Estrela D'Alva brilhou
E eu sonhei, sonhei, eu sonhei
Vi que era carnaval, por isso eu despertei, despertei
Despertei na passarela a linda tela
de um sonho magistral, magistral
Onde a nossa Seleção é a tetra campeã
da Copa mundial e é gol,
é gol, samba com a bola no pé, no pé
Craque na ginga de corpo
Como se fosse Pelé

Vera pretinha é a Miss Universo
Faz um tremendo sucesso no desfile principal
Olimpíadas, Olimpíadas o
Brasil vai conquistar
Mil medalhas de ouro
pro nosso sonho realizar
Ginga baiana pra lá e pra cá
No céu da Bahia
A Estrela vai brilhar

Autores: Murião e Dourinho Marques

Puxadores: Valmir da Purificação e Taquinho do Belô

Este foi o enredo do carnaval de 1988 que deu à Estrela D'Alva o título de Campeã do Carnaval daquele ano. Pode-se notar na letra os elementos da cultura, não só brasileira mas afro-brasileira, como a identificação da escola com a Bahia, e o futebol. Estes elementos de identidade mostram, sobretudo a identidade da Vila Costa e Silva, como uma vila de samba e futebol. A personagem falada na letra “Vera pretinha”, é alusão a uma figura popular na vila, a Vera (falecida há poucos anos), e que na época dos ensaios da bateria da escola neste, ano do título, ajudava “puxar” o samba-enredo, embora no desfile oficial atuasse como consagrada passista.

Os temas retratados na letra do samba-enredo mostram uma visão conservadora de mundo dos autores, na qual o futebol, o samba, o esporte olímpico e o turismo sexual são possibilidades de ascensão social para os negros numa sociedade discriminadora como a brasileira.

2.2 - O MOVIMENTO NEGRO

Para falar sobre o Movimento Negro na Vila Costa e Silva, é importante fazer um breve relato sobre a história do Movimento Negro no Brasil e em Campinas à partir da década de 70.

Nos anos 70, os trabalhadores e os setores historicamente marginalizados: negros, mulheres, homossexuais começaram, efetivamente, depois de anos de luta na clandestinidade e de silêncio ou de formas alternativas de lutas, a superar a ditadura militar, afirmando suas especificidades e reivindicando direitos (ANTONIO C. F., 1997). É o caso do Movimento Negro Baiano representado pelo Bloco Afro Ilê Aiyê: “A movimentação dos negros baianos em época mais recente e, claro, com características e reivindicações novas e atualizadas, tem como seu ponto de partida a criação, em 1974, do Bloco Afro Ilê Aiyê, no Curuzu, no mais populoso bairro de Salvador: a Liberdade”. O Ilê Aiyê surgiria como expressão dos anseios de grupos negros em busca de auto-afirmação cultural. Por auto-afirmação cultural entenda-se: os negros têm uma história baseada em sua herança africana e querem fazer com esta história seja resgatada, expandida e assumida, ao menos pela Bahia, o estado de maior contingente negro do país. Este fato, por si só, é essencialmente político, e por que não dizer revolucionário, na medida em que o ano em que se desenrolavam esses fatos de 1974, o ano 10º da Ditadura Militar, e também porque essa proclamação de auto-

afirmação cultural se dava no paraíso da “democracia racial” brasileira dos setores e intelectuais atrasados, beneficiários e coniventes com o racismo do país “. ²⁰

Três organizações negras surgidas nas décadas iniciais do século são atuantes em Campinas até os dias atuais: A Liga humanitária dos Homens de Cor (1915), a Banda dos Homens de Cor (1933) e o Clube Machadinho (1945).

Outros grupos que surgiram após a década de 70 foram: Grupo Evolução (de intervenção política e cultural) ; Grupo de Teatro Miroberfran (1977, procurava criar espaços para os autores e atores negros campineiros) ; Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (1978, organização política de expressão nacional); Pastoral do Negro (criada em 1984 e enfatiza a questão racial, atuante nas paróquias e nas CEBS) ; Gana, Grupo de Ativistas Negros Ashanti (criado em 1980, era ligado à Pastoral do Negro); Grupo de Capoeira Angola Janga (fundado em 1982) ; Urucungus Puitas e Quijengues (fundado em 1988) ; Grupo de Mulheres Negras Laudelina de Campos Mello (fundado em 1988) ; além dos Partidos Políticos atuando na cidade como PMDB, PDT, PT, PCB e PC do B que têm coletivos de negros.

Todos esse grupos citados tanto no Brasil como em Campinas, surgiram tendo como fator de aglutinação à luta contra o racismo. Tradicionalmente, porém, as ações desses grupos estão, normalmente, limitadas aos aspectos culturais e procuram a busca de identidade étnica ou são grupos que enfatizam, prioritariamente, os aspectos políticos.

O grupo Afoxé Ylê Ogum, um bloco carnavalesco, criado em 1982, enfatiza as duas problemáticas: a cultural e a política na busca de uma identidade e de uma nova noção de cidadania. Esses dois pressupostos pelos quais o Ylê, desde a sua fundação, construiu ou formalizou um modo de fazer carnaval diferenciado do modelo que se afirmava via escola de samba. Segundo depoimento de Gervásio, o Mestre Gê, o Afoxé Ylê Ogum não quer ser escola mas ser um bloco de carnaval de resistência alternativo, enfatizando a importância do negro enquanto sua cultura, sua existência.

É oportuna a explicitação dos pressupostos do grupo Afoxé Ylê Ogum, pois são estes os pressupostos que motivaram alguns componentes do “tímido” Movimento Negro da Vila Costa e Silva.

A Costa e Silva não foi um centro propriamente dito do Movimento Negro, como foram os locais onde surgiram as entidades do movimento citadas anteriormente.

²⁰ Movimento Negro, pp.9 e 12. Confraria do Livro, 1988. SP.

Por isso que chamo de “tímido”, pois no fim da década de 80, eram promovidos no atual prédio do supletivo, bailes onde predominavam a música funk, expressão do movimento *black power*, através do qual o povo negro norte-americano desencadeou um processo no qual a diversão nos bailes *blacks* dos anos 70 só se completava se fosse transformada em espaço de conscientização.²¹ O baile da Vila Costa e Silva ficou tão conhecido que atraía uma multidão vinda de outros bairros, em sua maioria afro-brasileira. Mas como Movimento Negro propriamente dito, o baile não se configurou. Ele era, segundo o irmão do organizador, o Toninho, um espaço onde os negros podiam se encontrar e ouvir músicas que “tinham a ver com eles”, mas como uma entidade de resistência e luta contra o racismo, não se estabeleceu, pois havia um certo medo de serem perseguidos por isso naquela época.

Até hoje o Movimento Negro na Vila Costa e Silva não conta com nenhuma entidade representativa, o que ocorre são alguns trabalhos que abordam a questão da cultura negra. Um último trabalho feito foi uma oficina de capoeira oferecida nas instalações do antigo Centro Comunitário da Vila Miguel Vicente Cury, bairro vizinho à Vila Costa e Silva, há uns 2 anos, e teve a participação de crianças e jovens dos dois bairros, sob a supervisão do Mestre Gê. E houve também shows de rap na praça.

Posso concluir que o movimento negro na Vila Costa e Silva se reduz a uma organização de espaços de lazer para a população jovem de origem afro-brasileira não atingindo o nível da conscientização da discriminação étnica e social.

2.3 O MOVIMENTO HIP HOP

O movimento Hip Hop, tem em seus elementos artísticos, o break (dança), o grafite (pintura), o rap (música) como instrumento de maior poder e valorização no movimento.

Este movimento juvenil chamado Hip Hop, é fenômeno de um movimento social dos jovens excluídos em sua maioria negros. Nos Estados Unidos o movimento surgiu nos guetos (bairros negros) de Nova York, numa articulação de jovens negros e hispânicos. O objetivo desta articulação era diminuir a violência generalizada entre a juventude agrupada em gangues. Embora os jovens daquela época conhecessem o break, o grafite, foi somente com a introdução do rap (nos guetos) por um D J jamaicano, que

²¹ TELLA, Marco Aurélio Paz. *Rap, Memória e Identidade*. In ANDRADE, Elaine Nunes de. *Rap e Educação. Rap é Educação*. São Paulo: Summus, 1999.

se possibilitou às equipes de bailes que sugerissem uma competição entre gangues, em torno da produção artística, o que de imediato foi aceito.

O movimento Hip Hop, que significa balançar o quadril, um convite à diversão, sempre teve em sua proposta inicial a PAZ. Ele foi criado e continua com o mesmo propósito: canalizar energias que poderiam estar voltadas à criminalidade centrando-as na produção artística. E é exatamente essa questão incompreendida do rap, quando ouvimos essa tendência musical dotada de pré-conceitos.

O Movimento Hip Hop na Vila Costa e Silva é recente. Ele ocorre há mais ou menos uns três anos e conta com um número pequeno de participantes do bairro e da região. O idealizador do movimento no bairro é um jovem de 21 anos chamado Fredy. Tudo começou enquanto Fredy estudava na escola do bairro. Ele fazia o colegial e percebeu que não havia abertura, nem por parte da direção da escola nem por parte dos professores, para introduzir na sala de aula ou mesmo nos intervalos alguma discussão em relação ao Hip Hop, pois, como disse em depoimento, ele via como fundamental a discussão de interesses e ideais dos alunos, uma vez que não se identificava com o discurso letrado e institucionalizado. Concluiu o curso secundário na escola em 1998, não conseguindo durante o mesmo abertura modo algum. Certo noite revoltado decidiu, pular o muro da escola e munido com uma fita de rap, tentou tocá-la no pátio da escola fazendo ouvir a “sua” música conscientizadora. O diretor chamou a polícia e Fredy, pulou o muro de volta e por pouco quase foi preso. Através da iniciativa de uma professora de história, uma das mais antigas da escola, a Profa. Beth que é branca foi discutido com os alunos do colegial o caráter de resistência do movimento Hip Hop. Então a escola que foi à procura de Fredy para que este orientasse o trabalho da professora. Como resultado disso, temos os vários muros que podem ser observados no bairro, todos “grafitados” por membros do movimento.





O nome do grupo de Hip Hop de Fredy chama-se Maloca, em alusão à habitação pobre, ou barraco onde moram os marginais, os excluídos da sociedade, que estão à margem do processo social (explicação dada por ele).

Atualmente o grupo de Fredy participa de vários movimentos de Hip Hop, em Campinas, e em outras cidades, e pretende fazer com que seu trabalho seja mais conhecido no bairro, e é através das oficinas que serão trabalhadas na igreja do São Benedito, será uma forma de fazer seja possível.

2.4 A PARÓQUIA DE SÃO BENEDITO

A Paróquia de São Benedito está presente no bairro desde a fundação deste. A princípio chamava-se Comunidade Cristã Vila Costa e Silva. Através da Lei Municipal no. 3969 de 19 de Março de 1971, a Comunidade recebeu um terreno doado pela Prefeitura Municipal à Arquidiocese de Campinas, ficando esta responsável pela construção do Centro Comunitário no período de dez anos onde se realizariam todas as atividades da igreja, que até a construção deste, funcionava em uma casa do bairro.

A concretização desta doação do terreno deu-se em Novembro de 1971, após muita luta dos moradores e integrantes da comunidade que permitiu que estes recebessem a escritura do terreno doado.

Os primeiros trabalhos da Comunidade eram feitos pelas chamadas “irmãs”, que auxiliavam na preparação das missas, batismos, organização de grupos de casais, grupos de jovens, grupos de crisma e catequese. A princípio o que dificultava um pouco o trabalho das irmãs, principalmente as visitas às famílias necessitadas do bairro era a falta de luz, mas esse problema logo foi resolvido com a chegada da energia elétrica no bairro.

As primeiras festas feitas pela comunidade: festa do refrigerante, festa junina, bazares, almoços, tinham como objetivo angariar fundos para a construção do Centro Comunitário.

Em Janeiro de 1977, foi lançada a pedra fundamental para a construção do Centro Comunitário da Comunidade Cristã da Vila Costa e Silva.

Os primeiro membros da Comunidade se intitularam COCAJOS (Comunidade de Casais, Jovens e Senhoras), e em suas reuniões quinzenais, buscavam em primeiro lugar o entrosamento da comunidade com todos os moradores da Vila.

Desse modo a preocupação com os problemas sociais do bairro também era prioridade, foram várias as reuniões com representantes da prefeitura buscando melhorar o atendimento dos ônibus para a população da Vila e também o problema da falta de vagas no grupo escolar.

O fim da década 70 foi marcado por intensas discussões sobre a ausência de democracia no País, isto indicava o engajamento da comunidade agora com uma postura de CEB.

No início da década de 80, veio a tornar-se CEB ou seja, Comunidade Eclesial de Base. As CEBS surgiram no Brasil no início dos anos 60, tem como objetivo, organizar fiéis das camadas populares numa igreja que, como é o caso brasileiro, conta com poucos padres. Como os médicos, os sacerdotes são em menor número nas periferias e no interior, principalmente entre populações mais pobres.

As CEBS são cerca de 80mil em todo o Brasil e ajudaram a descentralizar o catolicismo, e trazem a mulher para o centro da eclesialidade, acentuam direitos dos pobres como exigência evangélica, quebram a distância entre fé e vida, tornando a igreja “fermento na massa”.

Nos anos 70, as CEBS foram sementeiras de movimentos e lideranças populares. Aos poucos como assinalou o cardeal Lorscheider, as CEBS “tornaram-se um novo modo de ser igreja e um novo modo de a igreja ser”. Nos últimos vinte anos, a abertura democrática permitiu que novos atores sociais surgissem no país, como os movimentos

indígenas e negro, sem-terra e sem-teto, centrais sindicais e partidos progressistas, o que deslocou a atenção das CEBS.

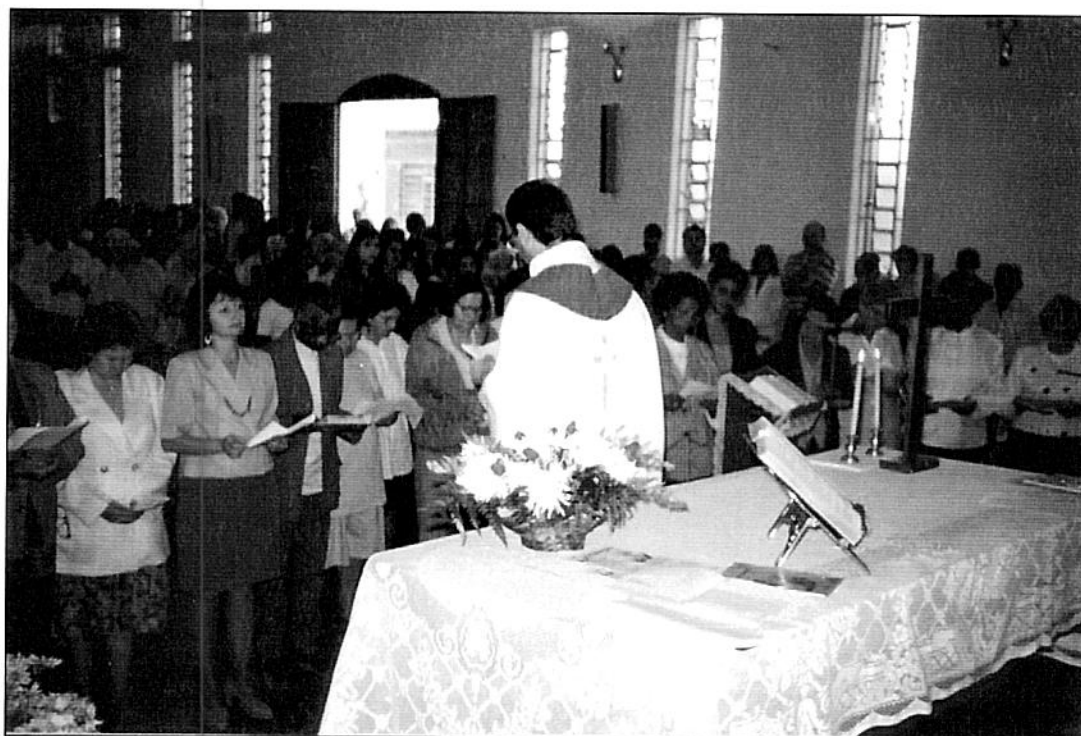
Neste momento, na década de 70, a igreja de São Benedito também viveu estes movimentos de democratização, um exemplo disto foi no início da década de 80, era freqüente entre os cantos católicos nas missas, cantar a música “ Caminhando e Cantando” de Geraldo Vandré, música esta que tornou-se um “hino” à democracia. Baseado na música o sermão do evangelho era feito em torno do engajamento dos cristãos no movimento social. Segundo depoimento de uma das primeiras freqüentadoras e participantes do São Benedito, a Madalena, a participação era grande em todas as lutas por melhores condições de vida no bairro, como escolas e ônibus a igreja participou, e também em movimentos da cidade. Numa greve geral de ônibus, no início da década de 80, as senhoras da comunidades se organizaram e prepararam marmitas para os motoristas que ficaram “acampados”, na empresa CCTC, que se localizava no bairro. Isto tudo era reflexo da nova ordenação da Igreja como CEB, assumido pelas vilas planejadas e pela periferia: *unir todas as forças evangelizadoras, humanas e materiais da igreja, em vista das organizações do povo, para sua libertação nos planos econômico, político, social e religioso, atualizando e concretizando a missão de Jesus Cristo.*

Em 1995, a igreja de São Benedito foi elevada à Paróquia da região da Vila Costa e Silva que compreende a igreja Imaculada, da Santa Genebra, e as comunidades de São Francisco de Assis, da Vila Miguel Vicente Cury e São Camilo do Taquaral, estas duas últimas ainda hoje sem um espaço físico para que seja construído a Igreja. Embora hoje possua pastorais sociais tais como: a Pastoral da Saúde e a Pastoral Social, responsáveis pela arrecadação de cestas básicas e remédios destinadas as famílias carentes da região, como Paróquia o caráter de CEB, não mais existe. A preocupação maior é com a formação cristã da comunidade. Isto se reflete nas pastorais que possuem, as quais em sua maioria são voltadas para a formação cristã : Pastoral da Catequese, Pastoral da Crisma, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Liturgia, etc.

Como comenta Frei Betto, “há uma tendência por parte de bispos e vigários, no sentido de reduzir as CEBS a um movimento paroquial. Porque quando isso acontece, as CEBS se transformam em simples grupos da paróquia”²². Foi exatamente isso que ocorreu com a “paroquização” da Igreja de São Benedito.

²² Esta entrevista está no site da internet <http://seop.org.org/fbetto/175betto.htm>

Apesar de perder este caráter de CEB, a Paróquia do São Benedito é um espaço de educação não-formal, na qual através da Pastoral do Jovem, possui grupos de jovens e crianças, através em seus vários encontros, discutem questões relacionadas à faixa etária que pertencem, tais como: problemas típicos da adolescência, meio ambiente, saúde, cidadania além de realizarem brincadeiras (para as crianças). Mas este trabalho busca, antes de tudo, a formação do jovem enquanto cristão. Desse modo muitos jovens do bairro, ficam fora deste processo, pois não são da igreja. Através desta proposta de oficinas no âmbito da educação não-formal, procura-se atender aos jovens que estão fora da igreja, principalmente os jovens afro-brasileiros do bairro. Para a realização deste trabalho foi dada a abertura, pelo pároco, o Padre Norberto, aos educadores para atuarem junto aos jovens que não participam da Paróquia de São Benedito.





2.5 O CONSELHO DE MORADORES

O conselho de moradores da Vila Costa e Silva foi criado na mesma época de sua fundação em 1970. A união desde o início entre eles deveu-se primeiramente à dificuldade que muitos moradores tiveram em pagar as parcelas da casa. Foi se criando um laço de fraternidade entre as pessoas. “Quando um morador sabia que seu amigo estava “em apuros”, reunia mais de vinte ou trinta pessoas e todos faziam uma “vaquinha” e ajudavam no pagamento da parcela”.²³ A luta dos moradores continuava daí por diante, pois a Vila Costa e Silva, construída pela COHAB no início do “Milagre Brasileiro”, é exemplo de um projeto que nasceu para mostrar a força do modelo econômico, mas não recebeu infra-estrutura correta. Pelos erros políticos de “mostrar serviço”, muitos anos após a sua inauguração a Vila Costa e Silva, esperou e espera ainda por melhorias. Segundo Moisés Neto, 1985, a criação do Conselho de Moradores da Vila, tinha como objetivo fazer uma ponte entre a prefeitura e o bairro, procurando junto ao poder público buscar as melhorias para o mesmo. As reivindicações iniciais foram: o grupo escolar, conseguido mais de 5 anos depois, em 1976; o asfalto, sendo, portanto, que os moradores viveram 3 anos no bairro com suas ruas de barro; o posto policial; que até hoje não foi montado; e a praça de esportes que ainda não foi concretizada também.

O atual presidente é o José, que em depoimento disse que o conselho busca a construção da praça de esportes, como reivindicação principal. Depois o posto policial e criticou a falta de projetos destinados a jovens e crianças como tinha anteriormente.

A falta de recursos cada vez maior dos cofres municipais faz com que projetos que existiram fiquem cada vez mais longe de se concretizarem. O presidente José chama atenção para o fato de existirem parcerias com comerciantes e empresas locais para o financiamento de projetos e para que esses sejam de caráter permanente.

O que pude verificar ao formular este capítulo das entidades sócio-étnico-culturais da Vila Costa e Silva é que falta uma integração entre elas. Todas desejam obter as mesmas coisas, melhorias para a população do bairro, mais o entendimento é difícil. Como analisou Moisés Neto, 1985 : “ ...O que parecia haver, e talvez ainda haja hoje, é uma tensão entre o Conselho de Moradores e esses grupos sociais. Talvez o

²³ Depoimento dado pelo morador Rizzo Coelho em reportagem “*A luta de uma vila de samba e bola*”. Jornal Diário do Povo, 14 de outubro de 1982.

conselho seja visto como um órgão burocrático pelos membros destes grupos organizados, o que dificulta a sua ação diante destes”²⁴. Isto se explica pelo fato de o conselho ter sido incentivado pela COHAB com atuação direta do administrador social, criando na memória da população local um forte vínculo entre o Conselho e o Poder Público. Ele não é visto como iniciativa e conquista espontânea dos próprios moradores.

A meu ver a participação do Conselho de Moradores, nas oficinas que serão oferecidas na Paróquia de São Benedito, permitirá uma harmonia entre os demais grupos sociais do bairro, pois quando foi proposta a realização das oficinas na Paróquia, a estes grupos a receptividade foi muito grande, resta agora sistematizar o trabalho e o papel de cada um destes grupos na realização das oficinas.

CAP 03. MEMÓRIA: A HISTÓRIA E O COTIDIANO DO BAIRRO CONTADA ATRAVÉS DO DEPOIMENTO DE MORADORES ANTIGOS.

Através dos depoimentos coletados junto aos moradores do bairro, elaborei este capítulo apontando os pontos mais comuns narrados por eles que marcaram e orientaram a reconstrução de sua história de vida no bairro.

3.1 Lazer

As opções de lazer no bairro de início não eram escassas. Através começo, através das iniciativas dos primeiros moradores era possível ter alguma opção de lazer no bairro, apesar de não haver parques, campos de futebol, nem quadras de esporte. Devido à iniciativa de moradores, foi fundado no primeiro ano do bairro, o Real Estrela Costa e Silva, time de futebol amador, que funcionava num campinho de terra improvisado junto a um terreno próximo à garagem da antiga CCTC, atual Viação Cometa. Segundo Sr. Jair, fundador do Real Estrela, *“o campinho era para os adultos e crianças do bairro, que naquela época não eram tantas como hoje”*. O Real Estrela funcionou até 1996, depois de diversas brigas e discordâncias entre os dirigentes, o Real Estrela acabou. Atualmente, o futebol na Vila é representado pelos Leões da Vila, em

²⁴ NETO, Rachid Moisés, *Vila Costa e Silva: Conselho de Moradores, a Serviço de Quem?* Tese de mestrado, IFCH/ UNICAMP, Campinas, Junho de 1985.

lugar do Real Estrela, mas os Os Leões da Vila não é um time, é uma “escolinha” de futebol e atende outras crianças de outros bairros vizinhos principalmente o bairro de classe média, Jd. Santa Genebra. Acompanhando o movimento geral do futebol amador, também na Vila Costa e Silva, hoje o celeiro de novos craques não é mais o futebol jogado em campos de várzea por crianças pobres, mas as escolinhas de futebol para crianças das classes médias que buscam uma carreira de sucesso nos grandes times nacionais e internacionais, incentivadas pelos pais que arcam com as mensalidades cobradas por essas formadoras de novos craques.



Outra opção de lazer e ainda é a Escola de Samba Estrela D'Alva, presente no bairro desde o começo. Ela promovia e promove ensaios de sua bateria, na época do carnaval, na praça central do bairro. Os ensaios começam geralmente nas primeiras semanas do mês de Janeiro e reúnem uma multidão na praça. Dos moradores entrevistados, verifiquei que não participam, como espectadores dos ensaios da bateria na praça, pois muitos ainda trabalham e quando chega à noite querem descansar. Dona Neide Amaral em seu depoimento, disse que ia sempre aos ensaios porque era uma forma de prestigiar a escola porque conhecia toda a família do fundador (pag. 1). Dona Hercília de Lima diz: *“foram poucas as vezes que fui ao ensaio, moro bem perto mas quando chego do trabalho preciso descansar”* (pag.1). As brincadeiras de rua eram freqüentes segundo depoimento de Dona Neide Amaral *“... As vizinhanças eram tão*

dadas , que a gente, os mais velhos se entrosava como os adultos com as crianças para jogar peteca, bola, corda, e então fazia lazer nas ruas. Todos, todas as pessoas não tinha idade e incentivava a gente a se tornar criança de novo...” (pag.1) Dona Hercília de Lima em seu depoimento (pag.2) diz que seus filhos e muitos filhos de outros moradores nasceram nos primeiros anos em que estavam morando na vila. Portanto não havia opções de lazer, e era comum ver crianças brincando no barro, e depois do asfalto, as crianças brincavam na rua de bola, principalmente de bola. A mudança e modernização do bairro com o passar dos anos acarretaram um aumento significativo do tráfego no bairro, tornando perigosas estas brincadeiras na rua, segundo depoimento de Dona Maria José Moraes, *“chega uma hora que as moto começa a correr por toda a rua é uma locura e o barulho é terrível, fico cum medo di dexá as criança brinca na rua”* .(pag.3). A relação entre lazer e violência é comentada por alguns moradores. O José, do Conselho de Moradores comenta que uma das conseqüências da falta de opções de lazer no bairro leva *“ os jovens e até mesmo crianças a entrarem no tráfico de drogas existente no bairro.”* (pag. 1). Dona Maria José de Moraes em relação a este assunto comenta: *“Meus filho viero tudo grande para cá quem nasceu aqui foram as netaiada, os que hoje tem 11, 12, 13 anos. A gente fica com medo, porque num tem gente certa pur aí, tem que ficá di oio, ver horário qui chega e controla, purque não pode ficá brincando e andando pur aí até tarde”*. (pag. 1). Nota-se também que boa parte de moradores entrevistados não possuem títulos de clube, e no bairro não tem uma piscina pública. Dona Joana diz que: *“ minhas filhas iam na piscina do Taquaral , mas eu sei que uma mulecada sempre vai nadar numa lagoinha que tem lá na Fazenda Santa Elisa.”* (pag.)

3.2 Escola

Não havia escola no bairro, as crianças e jovens tinham que caminhar até o Taquaral, para irem a escola, era o Gustavo Marcondes, que fica em frente à Lagoa do Taquaral. *“... Não tinha escola tinha que andar até o Grameiro para, chegar até a escola e era tudo á pé, num tinha ônibus...”* (Depoimento de Dona Hercília, pag. 1). Após 6 anos de inauguração da Vila, foi instalado o primeiro grupo escolar no bairro. Hoje há dois grupos escolares, o Adalberto Prado e Silva (Antigo Ruy Barbosa) e o Newton Silva Telles, além de uma EMEI, a Arthur Bernardes, que atende as crianças de

0 a 6 anos. Em relação a seus parentes mais antigos, foi verificado que quando chegaram ao bairro e seus filhos já possuíam mais de 30 anos, portanto muitos não mencionaram espontaneamente a falta de escolas naquela época, pois não era uma preocupação da família naquele momento. Todos os filhos que já eram mais velhos também trabalhavam para ajudar no sustento e pagamento das prestações da casa. Os netos que foram nascendo no bairro é que hoje estudam, mas já não há uma preocupação maior porque atualmente, as escolas mencionadas anteriormente, atendem todas as faixas etárias. Dona Neide Amaral, em seu depoimento disse ter tido dez filhos, portanto os mais novos que tinham por volta de 12, 13 anos quando ela se mudou no bairro iam à escola : “ *Todos eles iam a pé, e a criançada gosta, iam comendo amendoim conversando, era uma festa*” (pag. 1).

Foi observado durante a pesquisa a participação das avós na escolarização dos netos. Muitas se incumbem de levar e buscar seus netos na escola, participando mesmo das reuniões de pais e mestres ante a impossibilidade dos pais estarem presentes porque estas acontecem no horário normal de trabalho. As avós por estarem aposentadas, assumem estes encargos.

3.3 Trabalho

Muitos dos entrevistados disseram que não participavam muito do cotidiano do bairro, porque trabalhavam. Quando perguntei a uma das depoentes como era sua vivência no bairro ela comenta “... *Ah! Eu num lembro não, eu num lembro porque eu, não minha filha, eu num parava porque eu trabalhava...*”. Quase todos os moradores antigos trabalhavam, pois havia o compromisso das prestações da casa e a dedicação ao trabalho, fazia com que muitos ficassem alheios às coisas que aconteciam no bairro. Dona Joana comenta que a vinda da UNICAMP, para a região foi muito importante, ela tem uma filha que já se aposentou pela Universidade e sempre morou com ela. Esse emprego estável fez com que ela pudesse ajudar na reforma da casa e comprar um carro. (pag. 02). Dona Maria José Moraes comenta que seu marido em prol da Escola de Samba largou o trabalho na prefeitura, portanto ela sempre procurou trabalhar e até hoje trabalha. Os filhos e netos foram privilegiados, pois também trabalham na prefeitura e isto possibilitou que eles comprassem a casa própria (pag. 03). Pode-se notar a relação direta entre o trabalho e a melhoria das condições de moradia da casa adquirida pela COHAB, pois muitos moradores assim que conseguem uma estabilidade no trabalho,

procuram reformar suas casas, para que estas fiquem mais confortáveis. Dona Hercília que trabalha como operária numa fábrica no bairro vizinho, a Vila Nova, disse que aos poucos ela e a família vão arrumando a casa, para que fique melhor para morar. (pag. 03). Hoje o bairro oferece a possibilidade da convivência entre trabalho e moradia, pois são muitos os estabelecimentos comerciais, que empregam em sua maioria moradores do próprio bairro, permitindo assim que as gerações mais jovens vivenciem com mais tempo a vida no próprio bairro.

3.4 Religião

A religião no bairro é seguida em sua maioria pelos moradores mais antigos, os jovens hoje em dia, não têm muita ligação com igrejas atuantes no bairro.

Na época da fundação não havia uma igreja que fizesse batizados e casamentos, havia sim a Comunidade Eclesial da vila, mas se os moradores quisessem fazer algum batizado ou casamento tinham que recorrer às igrejas do centro ou de bairro vizinhos. No depoimento de Dona Maria José de Moraes isto ocorreu: “... *Eu lembro que casei duas filhas, lá na igreja da Vila Nova e batizei um neto também lá, num tinha essas coisas pur aqui...*” (pag. 2) . Dona Neide Amaral diz que quando tinha casamentos batizados, “*todo mundo se juntava nas comemorações, permanecendo esse comportamento até hoje, pelo menos entre seus vizinhos*”. (pag. 1).

Hoje é freqüente a presença dos evangélicos, muitos ex-católicos convertidos há pouco tempo, pois próximo ao bairro, há muitas igrejas evangélicas também. A própria Dona Neide Amaral foi católica e hoje pertence à Igreja do Evangelho Quadrangular, mas frequenta esta igreja em um bairro muito distante da Vila Costa e Silva. Através da religião os moradores do bairro tem uma opção de lazer, que são as festas das igrejas do bairro e dos bairros vizinhos. Em junho há as tradicionais festas juninas nos salões dessas igrejas e vários bingos, mas aí a participação é geral, não ficando restrita às pessoas frequentadoras da igreja. Nos depoimentos coletados, junto às moradoras antigas, como Dona Joana por exemplo, diz gostar muito das festas da igreja e como católica sempre comparece (pag. 2). Todo ano, há mais ou menos 12 anos, acontece em sua casa em Junho, a festa de seu aniversário, quando é rezado um terço, e depois começam a ser servidas as bebidas e comidas aos convidados, em sua maioria pessoas do bairro que vão prestar à sua homenagem á Dona Joana e participam do terço, mesmo não sendo católicos praticantes.

Em depoimento colhido através de um morador do bairro vizinho Vila Miguel Vicente Cury, constatei que há mais de cinco anos houve um templo de Umbanda na Vila Costa e Silva que funcionava em uma casa na rua 31. O templo funcionou, por pouco tempo, (não soube especificar quanto tempo), e sua dissolução deu-se devido a queixas de vizinhos por causa do barulho. Mas, o motivo principal, segundo o depoente, foi a presença e a força de pessoas de outras religiões, principalmente a Católica que não permitiram que prosseguissem as atividades no templo.(pag. 01 Depoente P.).

3.5 Transporte

A Vila Costa e Silva possui um sistema eficiente de transportes, hoje são muitos os números de ônibus e alternativos que circulam no bairro, fazendo com que a espera por esses se limite a menos de 10 minutos no ponto.

Antigamente não era assim, “... *A gente tinha que descer até a pista para pegar o ônibus de Barão Geraldo para o centro. Tinha que levar outra calça, senão você trabalhava todo sujo, o barro era muito...*” Dona Hercília de Lima, (pag1). O ônibus veio circular no bairro anos depois , após a colocação do asfalto, mesmo assim no começo não era eficiente, comenta Dona Neide Amaral “...*teve um tempo que a condução aqui, o coletivo tava muito ruim, então fizemo um abaixo assinado, para melhorar o bairro. Todos tinham que trabalhar, aí também não demorou muito, logo já resolveram o problema...*” (pag. 1). Dona Maria Pereira comenta: “... *não tinha nada, né, aqui em baixo para a gente pegar o ônibus, era barro, não tinha esta avenida, onde os ônibus subiam e desciam, era lá na pista de caminhão, era o Barão Geraldo que a gente pegava para ir para a cidade...*”. esse detalhe de usar o ônibus de Barão Geraldo foi comum em todos os depoimentos. Hoje os moradores estão satisfeitos com o transporte que serve o bairro, dando a estes muitas opções de locomoção, além de muitos possuírem hoje seu próprio carro. Dona Hercília comenta que: “ *era sempre tudo no barro, a gente não tinha carro, e sempre que precisava de condução, tinha que descer até a pista para pegar o ônibus.*” (pag. 2)

3.6 Considerações sobre o Cotidiano e História do bairro

Considerar a história da Vila Costa e Silva em seus vários aspectos desde a fundação até os dias de hoje, me permitiu entender todas as transformações pelas quais o bairro passou ao longo desses 30 anos de sua trajetória.

Se comparado com outros bairros que surgiram na mesma época, a Vila Costa e Silva é exemplo de muitas conquistas, conseguidas através de muitas lutas da população na defesa de seu espaço e sua identidade.

O que contribuiu para este sentimento de resistência é o envolvimento da população em movimentos sindicais e lutas contra a ditadura. A presença marcante de trabalhadores da UNICAMP, moradores do bairro também explica este fenômeno, pois a consciência crítica do movimento sindical da universidade contribuiu, para a formação política de boa parte da população do bairro.

Muitas conquistas vieram, mas ainda muita coisa precisa ser feita, o desemprego entre os jovens do bairro ainda é grande, devido principalmente a falta de profissionalização e a impossibilidade de cursar uma faculdade, fazer um curso de língua ou de informática. Muitos estão envolvidos em atividades ilícitas, devido a esta falta de oportunidades de profissionalização e de conquista de um posto de trabalho.

É pensando nisto que foi criada a idéia das oficinas que serão oferecidas aos jovens do bairro. Através das oficinas, procurou fazer com que estes jovens deem continuidade às mesmas, e com novas idéias, busquem a formação de uma próxima geração, melhorando também o espaço onde vivem através de novas conquistas no âmbito social.

PLANO DE AULA TRABALHADO NA OFICINA DE IDENTIDADE E MEMÓRIA

A presente proposta de Oficina para o bairro Vila Costa e Silva, leva em conta que no passado recente houve uma ascensão social fruto da operosidade dos moradores que possuíam postos de trabalhos regulares. Por isso mesmo, proporcionar a esta comunidade elementos para seu auto-conhecimento, pretende-se dar suportes para um início de profissionalização das novas gerações que enfrentam problemas, tanto na escola como no mercado do trabalho.

A oficina *Identidade Vila Costa e Silva*: um resgate participativo de sua história e memória local, procurará:

- Trabalhar o tempo em si a fim de que percebam diacronias múltiplas, velocidades e ritmos diferentes no processo de mudanças, com a utilização da imagem que será fundamental para reconstruir a origem rural do migrante para o centro urbano, e do habitante citadino em zonas urbanas degradadas, ocupando espaços até então desvalorizados da cidade;
- Caracterizar tempo e espaço como elementos capazes de fornecer possibilidades ao homem em busca de um novo humanismo integrado num desenvolvimento tecnológico e científico do mundo atual;
- Introdução de uma instrumentação técnica para o levantamento bibliográfico e arquivístico, atinentes à problemática racial de forma a colaborar na construção de sua própria identidade étnica, da trajetória familiar e da memória do bairro;
- Leituras e visitas monitoradas a bibliotecas, arquivos do Centro de Memória da UNICAMP. Essa opção ocorre não apenas porque nesses locais se encontram um farto material bibliográfico e documental sobre a história da cidade, mas também, porque teremos acesso a atendimento personalizado, para a execução do trabalho pela equipe do CMU. Visita a museus da cidade, a fim de desenvolver aptidão para a análise do peso da permanência dos elementos de longa duração que subagem aos acontecimentos: antigos padrões de comportamento coexistindo com novas técnicas e visões do mundo.

- Aplicar, ao seu cotidiano, um tipo de conhecimento voltado à capacitação e desenvolvimento de recursos humanos, que possibilitem construir a vivência da cidadania, a preservação das tradições culturais e o espírito crítico.
- Resumindo, pretende-se oferecer, a partir da leitura e instrumentação técnica, elementos básicos que contribuam para a conscientização do jovem como grupo étnico-social, reconstruindo suas raízes e história a partir da trajetória familiar, a fim de que melhor entendam seu papel como cidadão na comunidade, além de reforçar sua identificação com o bairro, tornando-o um território de domínio sócio-espacial, no qual deverá se sentir acolhido e protegido.

A presente Oficina deverá contar com um máximo de quinze participantes e será ministrada em local e horário a serem fixados, sendo a previsão de sua duração noventa dias assim distribuídos:

- 1º Mês

Leitura monitorada de bibliografia voltada ao tema da problemática racial, com discussão crítica de assuntos e temas pertinentes tanto ao presente quanto ao passado, procurando trabalhar os conceitos de tempo, espaço. Etnia, identidade, tradições culturais e análise iconográfica de imagens coletadas pela pesquisa.

- 2º Mês

-Orientação técnica para construção da trajetória familiar ligada à memória do bairro, através da coleta de depoimentos orais de familiares mais idosos e das lideranças locais. Tratamento bibliográfico/documental, a partir da visita monitorada à Biblioteca e Arquivo do Centro de Memória da UNICAMP e Museus da cidade, dados esses que complementarão os depoimentos orais.

- 3º Mês

- Apresentação e Exposição dos resultados obtidos com o material produzido pelos jovens através das pesquisas e discussões temáticas realizadas, além da montagem com os adolescentes de um pequeno Museu Itinerante; que deverá circular por espaços do próprio bairro.

- Avaliação da Oficina pela Comunidade, Pela Equipe e pela Instituição Parceira.

Nessa oficina, pretende-se introduzir o adolescente nos trabalhos de pesquisa em história oral, e envolvendo-os no processo de coleta e análise de dados que devem ser coletados entre seus familiares mais velhos. Espero, assim, em primeiro lugar, desenvolver nos participantes o sentimento de pertencimento ao bairro, em segundo lugar, ajudar o adolescente a reconhecer o conhecimento e experiência dos membros idosos da família, desenvolvendo uma postura de respeito e admiração relacionados à sabedoria dos mais velhos.

Em aulas expositivas:

- Discutir o significado e o alcance do fato histórico, mostrar a participação do cidadão na construção da história.
- Apontar as linhas gerais do método de História Oral
- Discutir o uso do gravador e outros registros
- Discutir a elaboração do roteiro de coleta de depoimentos e do diário de campo.
- Discutir a utilização de imagens do passado como base da coleta dos depoimentos, permitindo que as mesmas funcionem como detectoras da memória dos informantes.

Em atividades práticas

- Envolver o adolescente no processo de pesquisa, fazendo com que cada um busque nas próprias casas informações a respeito da história da família na cidade, da história da família no bairro. Coleta de recortes de jornais, documentos fotos e objetos que a família possa ter guardado.
- A escolha do informante preferencial: os mais velhos, os mais acessíveis e os com maior disposição para narrar fatos do passado.
- Definidos os informantes, orientar o registro de narrativas (uso do gravador, registro escrito no diário de campo e discussão de imagens fotográficas com os depoentes).
- Orientar a transcrição dos depoimentos

- Acompanhar e discutir com o grupo, o trabalho de cada um, partilhando os resultados com a equipe, avaliando a performance dos adolescentes como pesquisadores.
- Construir coletivamente a história do bairro, do ponto de vista de seus moradores, a partir dos depoimentos colhidos, analisados e discutidos pelos adolescentes, e comparados com os dados levantados em bibliotecas e museus.

O conhecimento obtido através da pesquisa realizada, permite ao educador muito maior segurança para a realização da presente oficina, além de orientar a elaboração conjunta com os adolescentes dos roteiros para coleta dos depoimentos e sua posterior transcrição e análise.

BIBLIOGRAFIA: HISTÓRIA ORAL

- ALBERTO, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Ed. DA. FGV/CPDOC, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiróz/ EDUSP, 1987.
- BRIOSCHI, Lucila Reis & TRIGO, Maria Helena Bueno. *Família: representação e cotidiano: reflexão sobre um trabalho de campo*. São Paulo: CERU, 1989. (Coleção Textos. Série 2,1).
- CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. "A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológico da memória familiar". In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (org). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Coleção Textos. Série 2, 3).
- CERTAU, Michel. "Teoria e método no estudo das práticas cotidianas". In: SZMRECSANYI, M. I. F. (org). *Cotidiano, cultural popular e planejamento urbano (Anais do Encontro)*. São Paulo: FAU/USP, 1985: 3-19.
- COHEN, Yolande. "História Oral: uma metodologia, um modo de pensar, um modo de transformar as Ciências Sociais?" *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. et al. "Dilemas da vivência em nova terra: a educação, o lazer e o consumo cultural entre japoneses em São Paulo na 1ª metade deste século" In: MEIHY, José C. S. B. (org). *(Re) introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Departamento de história, FFLCH-USP, 1996.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. "História de vida na abordagem de problemas educacionais". In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org). *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988.

- _____. “Relatos orais e educação: o Curso Normal na década de 10 no interior do Estado de São Paulo”. In: SIMSON, O. M. von (org). *Os desafios contemporâneos da História Oral*: 1996. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997.
- _____. “Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais”. Revista Portuguesa de Educação, Lisboa Universidade do Minho, 8 (1): 5-20, 1995. (editada em 1996) e In: “O Brasil no rastro da crise”. Campinas: Hucitec/ANPOCS, 1995.
- _____. “Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexão sobre o uso de fatos na pesquisa em História da Educação”. São Paulo: CERU, 1997. (*Cadernos CERU*. Série 2,8.).
- _____. “Le storie di vita nell’appoggio ai problemi dell’educazione”. *La critica sociológica*. Roma: Universidade de Roma, 1990. P. 160-188,
- _____. “Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa”. In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (org). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Coleção Textos. Série 2,3).
- FERNANDES, Heloisa. “Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou convergência”. São Paulo: 1991. (*Cadernos CERU*. Série 2,3).
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “História Oral: um inventário das diferenças”. In: FERREIRA, M. de M. (coord). *Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. (org). *História Oral e multidisciplinariedade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. “História Oral: uma utopia?” *Revista Brasileira de História*. 13 (25/26). Set. 92/ago. 93.
- JOUTARD, Philippe. *Esas voces que nos llegan del pasado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

- _____. “História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. de M. (orgs). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996”.
- KOSMINSKY, Ethel. “Pesquisas qualitativas --- a utilização da técnica de história de vida e de depoimentos orais pessoais em Sociologia”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 1 (38/39), jan. 1986.
- _____. (org). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Coleção Textos. Série 2,3).
- LEITE, Miriam m. & Von SIMSON, Olga R. De M. “Imagem e Linguagem: Reflexões de Pesquisa”. In: LANG, A. B. da S. G. (org). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Coleção textos. Série 2,3).
- LEWIS, Oscar. *Os filhos de Sanchez*. Lisboa: Moraes ED., 1970.
- LUCENA, Célia Toledo: *Artes de Lembrar e de Inventar. (Re) lembranças de migrantes*. São Paulo. Arte e Ciência ed, 1999, 192p.
- MARTINS, Heloisa H. T. de S. “Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou convergência?” São Paulo: 1991. (*Cadernos CERU*, Série 2,3).
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória*. A cultura revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.
- PARK, Margareth. *Memória, educação e cidadania: tecendo o cotidiano de creches e pré-escolas em Itupeva - SP*. Campinas. Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- PORTELLI, Alessandro. “Forma e significado na História Oral. A pesquisa como experimento em igualdade”. In: Projeto História. São Paulo, PUC-SP, 14, 1997.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de (org). *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiróz, 1991.

- _____. “Relatos orais: do” indizível “ao” dizível “. In SIMSON, O. R. de M. von (org). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988”.
- _____. “O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões”. In: LANG, Alice B. S. G. (org). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (coleção Textos. Série 2,3).
- ROSS, Alistar. “Children becoming historians: an oral history project in a primary school” pp. 432 a 447 in THOMSON, Alistar & PERKS, Robert. *The Oral History Reader*. London and New York, 1998, Routledge (ed), 479 p.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas: Centro de Memória - UNICAMP, 1997.
- _____. (org). *Experimentos com história de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988.
- _____. “Reflexões de uma socióloga sobre o uso do método bibliográfico”. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org). *(Re) introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- THOMAS, William & ZNANIECKI, Florian. *The Polish peasant in Europe and America*. Chicago: The University of Chicago Press, 1918-1920, New York: Knopf, 1927.
- THOMSON, Alistar. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e memória”. In: PERELMUTTER, Daisy & ANTONACCI, Maria Antonieta (org). *Ética e História Oral*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 15, abril de 1997.
- _____. “Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais”. In: FERREIRA, M. de M. (org). *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- THOMSON, Alistar & PERKS, Robert. *The Oral History Reader*. London and New York, 1998, Routledge (ed), 479 p.

- WIGGINTON, Eliot – “Reaching across generations: the Fox fire experience” pp. 206 a 213 in *The Oral History Reader*. London and New York, 1998, Routledg (ed), 479 p.
- VOLDMAN, Danièle. “Definições e usos”. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. de M. (org). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- VON SIMSON, Olga. “Som e Imagem na Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: reflexões de pesquisa” in *Pedagogia da Imagem, imagem da Pedagogia* “Anais do Seminário. Niterói, R. J., Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação Departamentos de Fundamentos Pedagógicos, 1996 – pp. 88 a 101”.
- VON SIMSON, Olga. “Imagem e Memória” in SAMAIN, Etienne (org) *O Fotográfico*. São Paulo, Hucitec, 1998 pp. 21 a 34.
- VON SIMSON, Olga. “Identidades Conjunturais X Identidade Tradicional: as múltiplas faces da teuto-brasilidade no interior de São Paulo” in *Travessia – Revista do migrante* Publicação cem – ano XII, nº - set/dez 99.

BIBLIOGRAFIA SOBRE A CIDADE DE CAMPINAS

- AMARAL, L. (Org). *A cidade de Campinas em 1900*. Campinas: Typ. Casa do Livro Azul, 1900.
- _____. *A cidade de Campinas em 1901*. Campinas: Typ. Casa do Livro Azul, 1901.
- AMARAL, P. *Campinas: monografia*. Prefeitura Municipal de Campinas: Campinas, 1955.
- BARRETO, Margarita. *Vivendo a História de Campinas*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras- Autores Associados, 1995.
- BASSANEZI, M. S. C. B. *Família e força de trabalho no colonato*. Subsídios para a compreensão da dinâmica demográfica no período cafeeiro. Campinas: NEPO/UNICAMP, 1986. (Texto NEPO, 8).
- BERGÓ, M. E. A. Estudo geográfico da cidade de Campinas. In: Congresso brasileiro de geografia, São Paulo, V.3, 1952.
- BRASÍLIO, João. S. J. Capitalismo e cafeicultura no oeste paulista – 1988-1930. Tese de doutoramento em Sociologia. F.F.L.C.H., São Paulo, USP, 1979.
- BRITO, Jolumá. *História de Campinas*. (Edição do Autor), 1927.
- CARVALHO, E. Conjuntos habitacionais ou espaços operários. Uma trajetória da espoliação urbana, Campinas, 1940/1960. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998. (Dissertação de mestrado).
- CORDONA e ROPHA, Francisco e José. Almanach de Campinas. (Edição dos autores), Campinas, 1982.
- DAVID, Jorge J. Campinas. *Notas históricas*. Última Hora, 21 de Outubro de 1959.

- DEBES, C. A caminho do Oeste. História da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. São Paulo: Companhia Paulista da Estrada de Ferro, 1968.
- DUARTE, R. Campinas de outrora. Campinas: s/ed., 1965.
- FERREIRA, Irene M. B. Socialização e relações raciais: um estudo de famílias negras em Campinas. Tese de mestrado em antropologia social. Mimeo. São Paulo, USP, 1978
- GEBARA, Adenir. Campinas (1869-1875) – *Republicanism, imprensa e sociedade*. Tese de mestrado, USP, 1975.
- GUIMARÃES, A. M. *Monografia histórico-estatística do município de Campinas*. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 1962.
- LAPA, José R. A . *Primeiras notas para bibliografia da história de Campinas*. (separata da Revista de Estudos Históricos). Marília, 1966.
- LISBOA, J. M. *Almanach de Campinas para 1871*. Campinas: Typografia A Gazeta de Campinas
- MATOS, O. N. de. *Um pouco da história de Campinas*. Revista Notícia Bibliográfica e Histórica, PUCCAMP, Campinas, Ano XVII, n. 117, 1985.
- MELLO, F.F. de. *Formação Histórica de Campinas: breve panorama*. In: Subsídios para a discussão do Plano Diretor. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 1991.
- OTÁVIO, BENEDITO. Campinas. *Apontamentos históricos e estatísticos de Campinas 1914*. Campinas, Casa mascate, 1914.
- PUPO, C. M. de M. Campinas, seu berço e juventude. *Publicações da Academia Campinense de Letras*, n. 20, Campinas, 1969.
- _____. *Campinas um município do Império: fundação e constituição, usos familiares, a morada, sesmaria, engenhos e fazendas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1973.

- RODRIGUES, J. L. *Monografia histórica do Município de Campinas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.
- SEMEGHINI, U. C. & ARAÚJO, M. F. Municípios paulistas: crescimento recente e trajetórias alternativas. *Revista São Paulo em Perspectiva*, Fundação SEADE, v.3, São paulo : 1989.
- TAUBE, M. J. De migrantes a favelados: estudo de um processo migratório. Campinas: UNICAMP, 1986 (Série Teses).
- ZIMMERMANN, G. & SEMEGHINI, O. C. Estudo de casos: Campinas. IN: Explosão urbana no Estado de São Paulo – 1970-1985. Campinas: IE/UNICAMP, 1988. V. 2 (Relatório Final da Pesquisa).

BIBLIOGRAFIA: A QUESTÃO DA NEGRITUDE

- BARBOSA, I. M. F. Socialização e relações raciais: um estudo de famílias negras em Campinas. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, F. Brancos e negros em São Paulo. 3 Ed. São Paulo, Cia. Editorial Nacional, 1971.
- _____. Estudos Afro-Brasileiros. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- BORGES PEREIRA, J. B. Cor, profissão e mobilidade. São Paulo: Pioneira, 1966.
- _____. "A cultura negra: resistência de cultura a cultura de resistência", *Débaló* 23: 117-188, 1984.
- _____. "A criança negra: identidade étnica e socialização", *Cadernos de Pesquisa*, n. 63, 1987.
- _____. "A construção histórica da pluralidade étnica e racial brasileira. Paris: UNESCO (no prelo)
- CARDOSO, F. H. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
- CARDOSO, F. H. e IANNI, OCTÁVIO. Cor e mobilidade social em Florianópolis. São Paulo: Dominus, 1965.
- _____. O negro no mundo dos brancos. São Paulo. Difel, 1972.
- FREYRE, G. "A ascensão do bacharel e do mulato" In FREYRE G. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: José Olympio, 1951, pp. 573-631.
- HASENBALG, C. A. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- HASENBALG, C. e SILVA, W. V. Estrutura social, mobilidade e raça. São Paulo: vértice, 1983.

IANNI, O. Raças e classes sociais no Brasil. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1972.

_____. Negritude e Cidadania. Cadernos PUC, São Paulo, EDUC/CORTEZ, n. 2, 1980.

LUIZETTO, Flávio V. Os constituintes em face da imigração. (estudo sobre o preconceito e discriminação racial, étnica na constituição de 1934), mestrado, mimeo. São Paulo, USP, 1975.

MOURA, Clóvis. O negro de bom escravo a mau cidadão? Rio de Janeiro, Conquista, 1977.

_____. "Organizações negras" em São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis, vozes/ CEBRAP, 1980.

NASCIMENTO, ABDIAS do. Genocídio do negro brasileiro. O processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro, Oaz e Terra, 1976.

_____. Movimentos sociais e urbanos, minorias étnicas e outros ensaios. Brasília, ANPOCS, 1983.

BIBLIOGRAFIA : A QUESTÃO DOS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO

- ALVES, Z. M. C. et. Al (1989), A infância pobre no Brasil : subsídios para o encaminhamento da questão na próxima década, FUNDAP, s. e. , Agosto (mimeo).
- ALVIM, MARIA R. B. & LÍCIA, P. V. (1988), “ Infância e sociedade no brasil : uma análise da literatura “ , in BIB, (26) : 3-37, 2º SEMESTRE, Anpocs, s.l.
- BIENRRRENBACH, M. I. (1988), “Instituição fechada e violência : uma visão de dentro” In SADER, E. et. al., Fogo no pavilhão (uma proposta de liberdade para o menor), São Paulo, Brasiliense, p. 37-119.
- CAMPOS, ANGELA V. D. S. O menor institucionalizado: um desafio para a sociedade; atitudes, aspirações e problemas para sua reintegração na sociedade. Petrópolis, RJ. Vozes, 1984.
- DA MATTA, Roberto, (1982) “Raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo “ In vários autores, Violência Brasileira, São Paulo, Brasiliense, p. 11-43.
- FERREIRA, Rosa. M. F. (1980, Meninos de rua – Valores e expectativa de menores marginalizados em São Paulo, CEDEC/ Comissão se justiça e Paz, são Paulo.
- FONSECA, Cláudia (s.d.), “O internato pobre: Febem e a organização doméstica em um grupo porto-alegrense de baixa renda” , In Temas Imesc, sociedade, direito e saúde, 4 (1): 21-39, São Paulo (1992).
- MARTINS, José S. (Coordenador) “o massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil. HUCITEC, 1991.
- OLIVEIRA, Juracy, g. O menor abandonado: quem é esse? São Paulo: [s. n.], 1991.
- PRADA, CECÍLIA. Menores no Brasil: a loucura nua. São Paulo, alternativa, 1981.
- SPINDEL. CHEYWA R. “O menor trabalhador: um assalariado registrado São Paulo : Liv. Nobel; [Brasília] : ministério do Trabalho.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALMEIDA, MARIA. S. K. de. Entre nós, os pobres, eles, os negros. Mestrado. IFCH/UNICAMP. Campinas, SP. 1976.
- ANDRADE, ELAINE N. de. (org.) Rap e educação. Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.
- ANTONIO, CARLINO F. Carnaval, identidade, étnico-cultural e educação não-formal. Mestrado. FE/UNICAMP. Campinas, SP. 1997.
- BAENINGER, ROSANA. Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista. CMU/UNICAMP. Campinas, SP, 1996.
- CAROS AMIGOS, Especial movimento Hip Hop, número 3.
- GOHN, Maria G. “Educação não-formal no Brasil nos anos 90” . Revista Cidadania n. 10- 1997.
- JANELA, AFONSO. “Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objetivo ou construir uma problemática?” In ESTEVES, Antônio J. (org) a sociologia na Escola : professores, Educação e desenvolvimento. Biblioteca das Ciências do homem – edições afrontamento. Porto. 1992.
- MACIEL, CLÉBER S. Discriminações raciais :Negros em Campinas (1888-1921). Campinas, editora da UNICAMP, 1987.
- MICELI, Paulo. O quadro muito negro do ensino no Brasil. Obra coletiva referente ao convênio CENP/UNICAMP, CAMPINAS Papirus, 1990.
- WELLER, WIVIAN, M. A . A construção de identidades coletivas através do Hip Hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turcos-alemães em Berlim.

ANEXOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO/TÉCNICA

DATA E INDICAÇÃO DO PERÍODO: jornal, revista, livro catálogo, documento, etc.

PERÍODO: diurno (*x*) noturno ()
 LOCAL: interno () externo (*x*)
 público () privado ()
 TIPO: posada () instantânea (*x*)
 foto de estúdio () Sim () Não (*x*)
 publicada em revista () jornal () isolada (*x*)
 montagem () close-up (*x*) com fundo ()

CARACTERÍSTICAS: nítida (*x*) embaçada () pouco contraste ()

CONDIÇÕES DE CONSERVAÇÃO: forma e local onde a foto está arquivada

Arquivada no CMU – Centro de Memória da Unicamp

FOTÓGRAFO: *Ana Celia Garcia de Sales*

DOADOR: *Ana Celia Garcia de Sales*

COLECIONADOR: *CMU – Centro de Memória da Unicamp*



FICHA DE CONTEÚDO

NÚMERO DE PERSONAGENS: _____

SEXO: _____

IDADE: _____

COR: _____

INDIVIDUAL (H ou M)/ PEQUENOS GRUPOS (quantos?)/ GRUPOS DE VIZINHANÇA.

Registra a passarela na Rodovia Milton Tavares de Lima

SITUAÇÕES REGISTRADAS: trabalho/ lazer/religião/ transporte/etc.

Panorama da passarela visto pela Rodovia

FOTO EM ESTÚDIO: local/fotográfico/decoração

FOTO EXTERNA: local/situação/hora/,período.

Rodovia Milton Tavares de Lima "Tapetão", 15:50 hs – 12/12/2000

LEGENDA : fornecida pelo doador, constante do periódico ou o que a pessoa falar quando mostrar a foto

Aspecto da passarela da Vila Costa e Silva sobre a Rodovia Milton Tavares de Lima, entregue aos moradores em 1995.

OUTROS INDÍCIOS :



DEPOIMENTO

Ficha de identificação

Entrevista no. : 01

Fita Cassete no. : 01

Realizada em: 11_/07_/2000_

Horário: 15:15 hs às 15:55 hs

Local: Casa da entrevistada

Telefone ou contato: Não tem fone.

Nome do Informante: Maria Pereira da Silva

Data de Nascimento: 08/12/1929

Escolaridade: Não especificou

Profissão passada ou atual: Empregada doméstica aposentada

Escolaridade dos pais: Analfabetos, já falecidos.

Endereço atual: Rua dos Camuris, 85 Vl. Costa e Silva

Observações complementares: Não especificou escolaridade, disse que sabe escrever o nome, ver placas de ônibus, conhece dinheiro.

A senhora fala como foi o começo, isso aí é assim, é só o comecinho. Como foi que...o que a senhora lembra, o ano que a senhora veio para cá. “Ah, agora o ano eu num lembro não” Não lembra. Foi mas...faz mais de trinta anos? “Ah, faz, faz” Bem no comecinho. “Eh, no comecinho, aqui esta rua aqui num era nem asfaltada” Num era? “Era tudo barro” As “Então não tinha luz, tinha tudo arrumado a luz, mas não tinha chegado ainda, só tinha água” Ahrã. “Aí logo uns 15 dias a luz chegou” Ah então foi rápido? “Foi, foi” Aí a senhora veio de que bairro? “De lá do Jardim Aurélia” Do Jardim Aurélia. Ah então como é que a senhora ficou sabendo que estava fazendo o bairro aqui? “Não, eh, eh, eu tava com meu patrão ele trabalhava lá né e ele falou: Maria vai fazer inscrição na casa lá que é a Vila Costa e Silva que ta fazendo na, é lá, ta fazendo lá uma Vila lá na Santa Genebra, a vila Costa e Silva. Depois eu falei a douto. Ele era médico. Como é que eu vô faze, eu ganhava pouquinho, eu falei eu num posso.

Ele falo: vai que eu te ajudo” Ährã. “Vai que eu te ajudo” Ahrã. “Eu fui fiz a inscrição, fiz direitinho. Depois que tudo terminou tudo, ele foi e emprestou, acho que 40, aquele tempo era 40 cruzeiro, era um negócio assim né eu num lembro mais” acho que era cruzeiro naquela época. “Era cruzeiro. Ele pagou para mim e para a gente poder entrar aqui e então antes deu entrar aqui e depois teve e depois teve, ah,ah, o sorteio da casa” Ah sim. “Lá no ginásio do Taquaral, no ginásio do Taquaral, no ginásio do Taquaral, eu fui para o sorteio. A casa,depois eles me deram a chave e eu vim para cá” Ah. “então aqui, era tudo... ba, bu, não tinha rua asfaltada nenhuma” Não tinha nada né. “Nada, nada nada. Aqui em baixo para a gente tomar o ônibus, era era barro, não tinha nem essa esta avenida” Ah sei. “Onde os ônibus subiam e desciam assim o barranco” aí de primeiro o ônibus pegava lá embaixo? “Era, era”. Num era aqui? “Num era num subia aqui, era lá na pista aqui de caminhão. Era o Barão Geraldo que tomava para ir para a cidade” e assim no comecinho, a senhora é de que , de que religião? “Eu sou católica” A senhora é católica, mas aí a senhora ia na igreja lá nu, nu, jardim Aurélia naquela época? “Ia sim”. E aqui, como é que fazia depois, porque aí não tinha igreja. “Logo depois, construíram a igreja aqui. do o, primeiro fizeram ali no” Ah, o São Benedito. “É o São Benedito” Ah ta. “Depois foi esta daqui da Santa Genebra” É, ahã, rãh, ai foi bem depois o São Benedito é mais antigo. “É, é” E aí, veio a senhora, quem mais? “Só eu e meus filho só, meus filho era tudo mocinho, meu filho mais velho que é este aí ó já era mocinho também” Aí eles cresceram. “Eles acabaram de crescer aqui no bairro” Aqui no bairro, tudo né? Legal. E a senhora fazia o que lá trabalhava como lá pro médico? “Eu era doméstica, de doméstica lá pro médico. Mas eu trabalhei lá 38, 39 anos” Nossa. E ele é vivo ainda, o o doutor. “Não já morreu tudo, minha patroa, tudo já morreram” Ah. “Ele me ajudou muito, muito, muito, mandou reformar minha casa” Que bom né, gente boa. “Depois ele morreu, faz uns 16,17 anos que ele morreu” Nossa. “A minha patroa não faz nem um ano que ela morreu” Ai que pena né? “ela morreu com 89 ano” Nossa, que pena. “Então, então”. Aí tinha, assim, procissão essas coisas, naquela época? “Da igreja, ah eu num lembro porque eu não minha filha, eu num parava porque, não. Tinha minha mãe, agora que eu me lembro” Ah sim. “me lembro dela, já faz quase cinco anos que minha mãe morreu, que morava comigo”. Ah ela veio também? “Ela veio quando ela morava comigo. Então eu trabalhava e não tinha, todo dia trabalhava, todo dia não tinha folga, não tinha folga, porque, ah, ah, ah, era meu patrão, era médico tinha que ficar lá né ajudando na casa toda” Ah é. “Então minha mãe é que ficava aqui mais ah, hum, hum. É minha mãe também é doméstica” E num é fácil. “É então” É um

serviço bem... “Agora eu sou aposentada” Ah ah. “Já aposentei senhora, já consegui se aposentar, já aposentei” Ah que bom né? “Aposentei antes de minha patroa falecer” Nossa mas também a senhora já trabalhou 38 anos, já deu certinho. “É, é . trinta e nove anos eu trabalhei lá” Nossa. “Só na casa dela” Nossa porque agora é difícil. “Não trabalhei mas na casa de ninguém” Ah que bom, porque pelo menos criou assim uma relação de amizade. “Eles me consideravam como da família” É era bom. E a senhora nasceu aqui em São Paulo? “Não eu nasci na Bahia” Na Bahia, ah meu pai é da Bahia também. “Então” A senhora é de que cidade lá da Bahia? “De Carinhãnhã” Nossa é perto daonde? “É lá pros lados de Juazeiro” Ah ta. “Ela fica pra cá de Juazeiro. Ela fica na margem do Rio São Francisco” Ah faz fronteira com Juazeiro, Terezina, com outro Estado. “É” Piauí. “É, eu vim pra cá, eu vim pra Januária, eu era deste tamaizinho assim ó” Ah. “Eu vim pra, pra, januária, mas eu nasci lá” Meu pai veio com 8 anos da Bahia. “Olha só” Veio muleque, num caminhão de manga. “Olha lá” De carona, ele é de Salvador. Mais aí eu tenho uma tia em Cachoeira, não sei se a senhora conhece cachoeira do Paraguaçu. “Eu num cunheço, porque eu vim pra cá” Veio menina. “Vim, vim menina pra cá, eu num vi nada.” A senhora nunca mais voltou para Bahia? “Não eu só fui pra Januária, que é, que é em Minas Gerais, onde meu irmão morava” Ah ta . “Só lá que eu fui, eu fui duas vezes, ele já faleceu coitado. A última vez que eu fui lá ele já estava doente. Tinha pressão alta ele já já sofria de um derrame” Nossa “É aí só sofreu” Faz 13 anos que eu fui para Bahia, nunca mais voltei. Tem as irmãs do meu pai, tão tudo lá. “Aí este mundo, ichi, nunca mais fui lá na Bahia” É uma saudade “É nem mi lembro direito, já isquici tudo” E também tanto tempo né “É” Viveu constituiu filho, tudo daqui, né? “Então, então” Aí depois a senhora veio para Campinas? “Tinha um irmão que veio pra cá, ele alugou também, ele veio com a família. E eu fiquei mas onde eu morava na Januária. Eu fiquei, eu e minha mãe e as crianças. Depois ele no fim mandou buscar nós, né para vim pra cá. Tinha um irmão meu que veio para cá ele já morreu também, ele veio na frente da família eu fiquei, mas onde eu morava é na Januária”. Ah, rã. “Eu fiquei, eu e minha mãe e as criança, depois ele no fim mandou buscar nós e vim para cá”. Ah, ta. “Então, ele já morreu, a mulher dele já morreu. Só as filhas que não”. Que aquela época vinha bastante gente para Campinas, porque.”É, é” Tava vindo indústria, para cá, a Unicamp mesmo que tava fazendo, bastante coisa. “É, é”.A senhora lembra do carnaval aqui da Costa e Silva, da escola? “Ah lembro era do, do como é ?” Do beijola, “Ah lembro”. Eu vou entrevistar a mãe dele, a, a esposa dele a Dona Maria José. “Ah, eu lembro sim” Vou entrevistar também. “Então” Mas a senhora

começou a conhecer o beicola, conheceu? “Conheci sim” Que que é bonito é . “Conheci a mulaher dele, conheci as filhas” A Ína. “Já morreu o beicola”. Já, o beicola já. “Agora, agora a mulher dele não sei se é viva” Ta, ta, ta trabalhando ainda a Dona Maria José. “É, então” Acho que eu vou amanhã lá na casa dela. “Então, ela não sei mora ainda aqui nessa rua?” Isso, é aqui nessa rua do ônibus perto da escola. “É, é, é ah, eu lembro sim” E aí tinha desfile , aqui pelo bairro, tudo? “É, é eles desfilavam um pouco pela praça e depois iam para a cidade” Aí era todo o pessoal da Velha Guarda da Estrela D’Alva. “Agora mudou acabou tudo”.É bastante morreu, até mesmo o Veiga depois, ele era moço, mas acabou morrendo também. “É, é” Né, ih, deixa eu ver que mais aqui, veio muita gente daquela época também? “Não”.Mudou muita gente pra cá? “Não, quando eu vim pra cá, só tinha só essa vizinha, eu que mudei primeiro, depois essa dona da casa da frente, depois os outro vizinho e essa vizinha também mudou, só tinha só nós três, só,só nós aqui.” Ta ,ta. “Depois foi chegando, foi chegando, e foi chegando, foi chegando, foi chegando...” E até hoje. “É até hoje. Teve um aqui que a COHAB tomou a casa dele, porque ele não pagava” Ah, ta. “então mandou ele embora, aí a casa dele alugaro, passou para outra pessoa” Que pena né.”Um negócio assim” Daquela época da senhora da da senhora? “Foi, foi”.E aí 15 dias depois eles já ligaram a luz? “Ligou,ligou, é ,é ,então.” Aí ficou melhor, né. Que eu lembro todo mundo falava: Você vai morar na Costa e Silva, na Cury. Que a Cury é um pouco mais nova, novinha. “É, é” Veio um pouquinho depois. “É, é”.Tudo no meio do mato. “É no meio do mato, é,é” Mas agora esta ficando cada vez melhor, está perto da UNICAMP, este shopping que está fazendo agora. “Ah, então, vai sim” Vai ficar muito bom. O ônibus aqui está bem servido, supermercado, farmácia. E naquela época, não tinha nada? Supermercado? “Isso aqui num ano, você sabe onde tem esta torre?” Sei, sei. “Então, ali tem um barracão que vendia de tudo, era arroz, feijão, macarrão, carne seca, tinha de tudo, açúcar, tudo que você precisasse ele tinha na venda. Sei que aquele homem fez uma vida ali. Era lingüiça, mais no fim, ela começou a vender as coisa velha, vencida, a lingüiça estragada, dero parte dele e puzeram ele para fora” Ah, ta. “Mas daí eu num to lembrada si quando mandou ele embora, se já tinha bar. E não tinha supermercado aqui não”. Grande assim não? Era vendinha mesmo. “Era vendinha, era vendinha” E farmácia assim, tinha naquela época? “Não” Tinha que comprar onde? “Tinha que comprar na cidade”. Lá na cidade? “É, isso aí, depois logo veio”. Uhm. É que veio muita gente para cá, né? “É”.E o posto de saúde, a senhora lembra quando que. “Não tinha bem, quando eu mudei aqui” O posto de saúde veio.”Eu lembro quando nos

dava.... de convivência, ele demorou um pouco, mais veio.” Ah, e os filhos da senhora, eles estudavam onde na época? “meu filho e minha filha, já veio se formado lá do jardim Aurélia”.Ah, ta. “Agora a Cidinha, estudou lá naquele colégio lá embaixo”.O Newton? “Éh”.Aquele o Newton Silva Telles? “Não aquele que fica lá no Taquaral”.Ah, sei, o Gustavo Marcondes. “É, é, ela estudava, ela acabou de estudar lá.”Porque não tinha esse aqui embaixo? “Não tinha”.O Adalberto e nem esse aqui. “Não tinha, não tinha, só aquele lá. Então ela ia à pé daqui até lá pra estudar”.Nossa, não tinha ônibus para ir pra lá? “Não ia à pé. Ia à pé e voltava à pé. E era a Cidinha e a Suzelei, a filha caçula minha que estudou lá. Ela veio, ela veio cume, eu matriculei ela aqui né. Então e a Cidinha já era matriculada dipois passou para cá. Então e a Cidinha junto com a minha caçula, eu matriculei aqui”.E aí, foi fácil conseguir vaga? “Foi, foi, aqui antigamente era mais fácil”.È né, tinha poça gente, mais tinha vaga. “É, é” Ih mais quando inaugurou aqui o bairro, a senhora não morava ainda aqui? Veio o Presidente Costa e Silva. “Ah eu tava, tava” A senhora já morava aqui? “Teve um negócio ali na praça na praça, então uma estátua também, quebraro tudo”.Ah, eles quebraram a estátua? “É sim, eu tava sim” Nossa a senhora não tem nenhuma foto daquela época? “Num tenho, não” Ah então tinha uma estátua na praça. “Porque aqui quando nós mudamoi pra aqui, foi ficando aqui um ano, dois ano. Parecia que daqui num morava mais ninguém. Parecia umas tropa de índio. Plantava planta umas planta aí na praça. Eles arrancava tudo”.Nossa. “As planta vinha crescendo, eles pegavam e quebrava, parecia umas tropa de índio”.Mulecada, né. Mas até hoje é assim. “Não agora não, agora parou, começaram a falar e eles pararam. É mulecada né, tempo de muleque”.E aí como é que foi. Tinha a Imprensa, a televisão quando veio o presidente aqui? “Não, foi puzeram uma luz, num tinha nada disso daí não e logo veio e depois e num demorou muito não”.Mas foi bem aberto, todo mundo pode ver? “Foi, foi, todo mundo. Foi aí na praça”.Ah, ta. Ele tava de farda, porque ele era militar, né? “É, é, o Costa e Silva” Foi eu nem lembro o ano foi na década de 60? “É, é”.Era regime militar, ah então a senhora lembra? Aí inaugurou depois que já tinha gente morando aqui? “É” Ah que interessante, deixa eu ver. Aí aquela, assim contando com quando eles fecharam a rua, a pista. Que atropelou o menino. Tirando esta manifestação, a senhora lembra de alguma outra coisa? “Ah lembro.” Que o pessoal por exemplo, manifestou por causa de ônibus. “Lembro, lembro, minha filha caçula judava, porque ficava muitas vezes sem, aí. Puzeram o fogo pra eles num passa, prus carro num passa, era todo o dia, a noite inteira. Uma turma ficava de dia e a outra turma ficava de noite. A minha filha mesmo ficou, a

minha caçula”.Ah. “Então ela ficava. Naquele tempo ela não trabalhava ela ficava dia e a noite ia a Alzira, a gente ficava”.O menino era daqui de perto. “É era, da avenida acho que era. Foi na época da Semana Santa”.Foi, foi, foi mesmo. “Então”.É que faz pouco tempo, mas ficou assim bem...”Nossa tem uma cruz lá embaixo, você já viu?” Tem. Já vi. Porque se não fosse assim não conseguiria a passarela. “É, é também. Mas a passarela não foi a prefeitura”. Foi a Campineira né? “Campineira, a Prefeitura diz que não podia fazer uma passarela não, mas como aí precisava né aí eles puzeram”.E foi bom. “Eles só mandaram fazer não foi a Prefeitura”.Já tinha a campineira aqui, quando a senhora mudou? “Não eu num to lembrada, acho que já tinha sim essa Campineira” Ela é antiga né? E que mais tinha pra lá, a Cometa aqui já tinha não? “Não, não”.A Cometa também não? “Não tinha não. A cometa fez depois que os ônibus começaram a andar aqui, depois que fez” É porque era da Cometa primeiro, os ônibus vermelhos é da, como é que chamava, CCTC. “É, é”.Num era da Cometa primeiro. Mas aí quando, quando começaram os ônibus, aí ficou mais fácil, né. “Ficou” Eles sempre passaram aqui em cima na praça? Sempre foi assim o caminho do ônibus? “Olha é, era sempre aqui na praça. Agora o do Barão Geraldo sempre foi aí embaixo” Sempre lá embaixo né? “É”. Ai o pessoal usava mais o de barão Geraldo que ia para a cidade? “Até hoje a gente usa mais o de Barão Geraldo, porque o Costa e Silva aqui. Agora que está mais ou menos por causa das perua, mas demorava muito”.Demora né? “É demora muito sim”.Na Cury, é pior ainda, tem menos ônibus. “Até quem mora na lá na Cury vem tomar o ônibus o Barão aqui em baixo”.Compensa porque demora 40 minutos o ônibus, lá. Aí a senhora todo dia pegava ônibus para ir trabalhar lá no Aurélia, Tinha que pegar dois ônibus? “no Aurélia?” É para ir daqui para o Aurélia? “Não bem, não era no Aurélia que eu trabalhava era aqui na cidade”.Ah, a senhora veio do Aurélia? “É eu vim de lá, e quando eu morava lá era a mesma coisa, eu pegava o ônibus do Aurélia para vim aqui para a cidade na Barão de Itapura, trabalhou, eu trabalhava”.Ah, ta um ônibus só até que não ficava muito fora de mão. “E aqui também era um ônibus só então”.Então a senhora falou que tinha a estátua na praça, eu não sabia, eu vou ver se eu acho alguma coisa desta época da estátua. “Eu não estou muito bem assim, eu não porque faz tanto tempo né. Lá perto tem um sinal assim, no... Você já viu um negocinho grande assim”.É provavelmente tirado lá, né? Deixa eu ver que mais. Então também as casas também foram mudando né, por exemplo, a senhora fez muro. “antes não tinha nada, não tinha muro, só tinha umas pedras de cima aí, umas pedras quadradas do lado do portão, até aqui, tinha barroné, então”.Aí o pessoal foi reformando, colocando.”depois meu patrão

mandou fazer o mesmo pra mim, depois ele fez, ele faleceu né, depois a mulher dele também ajudava a mandar arrumar a minha casa, e aqui ó, aqui era a cozinha e ali era o corredor. Aqui era a cozinha e ali era o corredor” do lado de fora da casa? “depois ele mandou reformar e ficou a cozinha.”E então, as casas do Costa e Silva, elas tem a cozinha na frente né.Na Cury, fica para o fundo, né. Que eu lembro quando eu morei, não que eu morei, morei mas eu não tinha nem 1 ano pur aqui na rua 15. “Eu sei onde é”.Mas depois não sei se a senhora conheceu, a dona Maria, seu bento, da rua 15? “Oh minha filha eu num conheci ninguém aqui da vila, eu moro aqui tantos anos só conheço o pessoal aqui do lado da minha rua”.É que ela mudou faz tempo, faz mais de 10 anos, que ela mudou daqui. Foi para Santo Antonio de Posse. Mas aí eu lembrava bem que era bem diferente da casa da Cury é assim até um pouco maior as casas da Costa e Silva são, porque a rua é pequena e compensou com o terreno das casas e na Cury as ruas são grandes e as casas são pequenas. Aí ficou assim. Deixe eu ver se eu lembro mais alguma coisa. Ih, aqui a segurança do bairro naquela época. Tinha muito assalto? “ Ah aqui de primeiro, do começo assim tinha uma tropa di, di, maconheiro. Uns drogueiro então mas não tinha, como é que diga, segurança nenhuma. No tempo que tinha segurança passava, batia em tudo, mas aí caiu”.Mas naquela época não tinha nada de polícia, não? E aí eles assaltavam o pessoal do bairro aqui? “ Não” Eles ficavam ali na praça? “ Não eles não assaltavam não, eles fumavam droga”.Ah, ta. “Nunca assaltaram não era só droga. Se fazia assalto era pra fora. É, é” Porque quem assalta geralmente é fora do bairro, que às vezes a pessoa vê e aí fica complicado mesmo. Mas se bem que até hoje o pessoal fica ali. “Mas não é muito não. Tem dia que ficam ali só correm tudo. Porque quando fica ali em pé esta turma de pinguço, eles batem tudo”.Todo mundo eles não querem nem saber. “Então” Porque eu conheço bastante gente aqui, que o irmão morreu que já foi preso. Tem tanta coisa. “Então” É bem triste isso né? “Aqui bem em frente aqui que tem essa casa aqui, os dono daí já morreu, a mulher não. Depois que os dono morreu, ela saiu dali e ia vende, depois num vendeu e o filho veio morar aí, mas num é assim não antes era dado com todas a as meninas depois começou a mexer com negócio de droga mataro ele”. É. “ Mataro ele moço novo, novo.” Mas aí quem se envolve com essas, é triste. “Diz que mataram dentro de um bar. Ele morava aí”.Nossa bem pertinho né? “A mãe dele era muito boa, a Marta” Nossa bem triste mesmo. Deixe eu ver que mais aqui. A senhora lembra mais alguma coisa que aconteceu aqui no bairro, assim a inauguração alguma coisa? “É que eu num lembro, saia de manhã 7 hora e chegava aqui era 7:30 8 hora.” Cansada né. “Se sabia qualquer coisa era porque as crianças falavam, é

então”. Ah, agora as filhas da senhora é em Paulínia que a senhora falou que vai? “É eu tenho uma filha que mora em Paulínia e um outro filho que mora em Paulínia”. Tem bastante gente aqui que pegou casa em Paulínia. “A minha filha pegou”. Ta bom lá deve estar gostoso. “Ela mora lá na vila, no Jardim Leonor e esse mora no Jardim monte Alegre I, lá em Paulínia, já a minha filha mora pra cá do João Aranha”. Ah, sei eu conheço lá o João Aranha, tudo. É bem gostoso Paulínia. “Ah você conhece aquele ginásio?” O lá de Paulínia? Conheço. “A vila dela fica bem lá em frente do. Uma vila nova lá”. É gostoso e tranqüilo Paulínia, tomara que continue assim. “Eu gosto mesmo de lá. Eu falo assim para os meus filho, se eu pudesse pegar minha casa e trazer para cá”. É bem gostoso, dá para as crianças brincarem na rua. Melhor que aqui que esta perigoso. Agora aqui, a Cidinha a minha filha ela mora aí na rua 5 “Ah lá na 5. É pertinho bem pertinho. E deixa eu ver que mais que eu lembro. “ Se você tem alguma coisa a mais eu num lembro mais.” É mais ajudou bastante viu, mas é assim mesmo é so o que lembrar. “ No tempo da minha mãe eu trabalhava na roça, eu ficava com minhas tia então. Então só podia trabalhar para por comida para nós come.” Mas também naquela época, agora a senhora vê hoje em dia, hoje a senhora vê no Jornal regional, para procurar emprego para empregada doméstica, eles pedem 1º. grau, 2º. grau. “ De primeiro num era assim” Porque tem muita gente hoje sem trabalho né, então eles tem que exigir mais, porque ta tão difícil. Mas a senhora começou a trabalhar bem cedo? “ Eu com 10 anos eu já tomava conta de criança né. Eu gosto muito de criança.” A minha mãe também, ela também começou a trabalhar a tomar conta de uma moça. Por isso que eu chamo Ana Célia, porque a moça chama Ana Célia, ela falava para minha mãe que a minha mãe era criança tinha nove anos, praticamente brincavam juntas, não sei se com a senhora era assim. Praticamente olhava a criança, mas brincava, porque era criança também “. Eu sei eu também brincava “Mas trabalhava, tinha que olhar dar comida, tudo e ela era deficiente, né a moça, tadinha, ela já morreu, já nasceu bem deficiente. Teve um problema no parto. Aí minha mãe, pois o meu nome de Ana Célia, por causa disto que ela falou: Ah quando a senhora tiver uma filha põe o nome de Ana Célia. “ Então sua mãe pôs né? “Pois, mas é assim começou a trabalhar bem cedo, é bem difícil, hoje ainda está bem mais fácil de a senhora ver os filhos, os netos, tem escola aqui. “ E as mães se interessam mais não é como antigamente que só queria dar comida para os filhos, a minha mãe diz que meu avô falava que não fosse na escola, diz que aprender a escrever carta para o namorado. Nossa que ignorância. Minha mãe num sabia, num sabia ler não.” É mais é assim”. Mas eu mesmo leio cume, nome de ônibus, assim assinar meu

nome, número. E sei número, o nome pro documento é é não muito difícil assim de lê, eu leio. Não é assim que eu so analfabeta. Então.”É porque tem gente que não sabe nem assinar o nome. Tem né, por exemplo, a senhora vota ainda?” Não votando “Ah não vota porque não é mais obrigatório?” Eu nunca votei na minha vida. Nunca. Meus filhos votam “Eh o que tem aqui no bairro é comício né? “Eles vem para cá né?” Teve um moço, o Maguila que se candidatou este ano. “Ia dar uma vida melhor pros mas idoso, lugar pra ficar enchendo o saco , mas não adianta.”É a gente que trabalha deu o duro, sabe como é que ... “ Político, político mesmo não adianta. Ele é muito lerdo.”Mais acho que é só isso mesmo. Agradecimentos”.

